



O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul

Marcos Rogério Kreutz
Neli T. G. Machado

O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul

Marcos Rogério Kreutz

Neli Teresinha Galarce Machado

O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul

1ª edição revisada

1ª reimpressão



2017

O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul

Esta publicação é parte integrante do Estágio Pós-Doutoral desenvolvido pelo autor, Dr. Marcos Rogério Kreutz, bolsista PNPd/Capes – Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari.

Supervisão do Estágio Pós-Doutoral: Dra. Neli Teresinha Galarce Machado

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino/Univates: Dra. Ieda Maria Giongo

Projeto Gráfico e Diagramação: Edgar Vieira de Azevedo

Ilustrações: Edgar Vieira de Azevedo

Elaboração de Mapas: Daniel Martins dos Santos

Revisão Ortográfica: Marlene Isabela Bruxel Spohr



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K92p KREUTZ, Marcos Rogério

O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul / Marcos Rogério Kreutz, Neli Teresinha Galarce Machado. – 1. ed. rev. – Lajeado: Editora da Univates, 2017.

88 p.: il.

ISBN 978-85-8167-199-4

1. Vale do Taquari. 2. Povoamento 3. Colonização 4. Imigração I. Machado, Neli Teresinha Galarce II. Título.

CDU 94(816.5Vale do Taquari)

Sumário

1. Introdução	09
2. A Fisionomia do Vale do Taquari	11
3. O homem chega à América e ao Vale do Taquari	17
4. Indígenas colonizadores: os horticultores	25
5. Outros grupos indígenas que povoaram o Rio Grande do Sul	37
6. Novos tempos, novos migrantes: os europeus colonizam o Vale do Taquari..	45
7. Povos do além-mar no Vale do Taquari	55
8. O trabalho escravizado no Vale do Taquari	63
9. Novas levas de imigrantes ao Vale do Taquari: alemães e italianos	71
10. A formação política dos municípios do Vale do Taquari	79

1 Introdução

Ao longo da trajetória humana, o homem buscou lugares para viver, gerenciar e manipular, observando determinadas características ambientais como relevo, clima, hidrografia e vegetação, para satisfazer suas necessidades de subsistência, bem como, suas necessidades espirituais. Esta relação homem/ambiente não foi diferente no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.

Antes da chegada dos europeus na América, o território do Vale do Taquari, região do Estado do Rio Grande do Sul, foi, por muitos séculos, habitada por indígenas, inicialmente, grupos Caçadores e Coletores, que eram populações nômades que circularam pela região. Muitos séculos depois, o Vale foi colonizado por outras etnias, grupos mais sedentários, os Jê Meridionais e os Guarani. A presença dessas populações é comprovada por vasta cultura material produzida por esses indígenas, encontrada em sítios arqueológicos.

No período colonial, na década de 1630, jesuítas espanhóis e bandeirantes paulistas circularam na região, mas não se fixaram. A partir de meados de 1700, o Vale do Taquari começou a receber imigrantes açorianos que se fixaram nas planícies ao longo do Rio Taquari, ao sul do Vale. Na mesma época, a região também recebeu escravizados africanos. Mais tarde, a partir de 1850, chegaram os imigrantes alemães e italianos em maior número. Neste mesmo período, europeus de outras nacionalidades também escolheram o Vale para se estabelecer, porém, em número bem menor.

Este livro trata da História Regional. Assim como é importante conhecer a história do Egito e da Grécia, é importante conhecer a história do local onde se vive. Quanto mais se conhece a História Regional e Local, mais se dá importância à região, mais se dá valor ao local onde se vive. Cada indivíduo deve sentir-se um sujeito construtor dos fatos e não um simples espectador dos acontecimentos.

Uma boa leitura!



2 A Fisionomia do Vale do Taquari

É possível afirmar que o ambiente foi um fator determinante para a colonização do Vale do Taquari para as populações pré-coloniais e para os imigrantes europeus. As populações alteraram e manipularam o ambiente, criando condições socioambientais que permanecem até hoje.

O ambiente

Antes de saber quem colonizou o Vale do Taquari, é necessário conhecer um pouco da fisionomia da região, isto é, as características ambientais, como o relevo, a hidrografia, o clima e a vegetação.

O Vale do Taquari apresenta três formas diferentes, bem visíveis, de relevo. Na Geomorfologia, elas são conhecidas como: Unidade Geomorfológica Serra Geral, Unidade Geomorfológica Patamares da Serra Geral e Unidade Geomorfológica Depressão Rio Jacuí.

Ao norte, a Unidade Geomorfológica Serra Geral é uma região de planalto, ou seja, áreas de maior altitude. Nessa região, observam-se mais morros, onde os rios correm em vales mais encaixados, isto é, mais fechados.



Paisagem comum da Unidade Geomorfológica Serra Geral

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

No centro do Vale do Taquari, ocorre a Unidade Geomorfológica Patamares da Serra Geral. É uma região de transição entre o planalto e a planície. Observam-se formas mais rebaixadas e contínuas, onde os rios e arroios apresentam, ao longo de suas margens, planícies de diferentes tamanhos. Ora elas são mais estreitas, ora, mais largas.



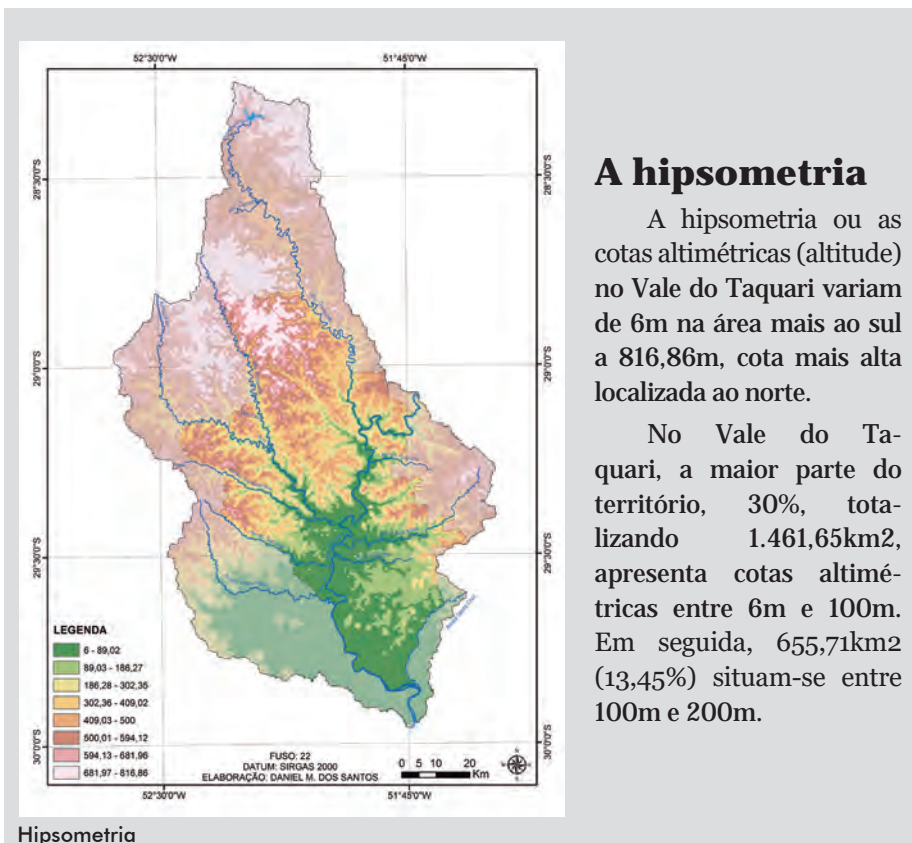
Paisagem típica da Unidade Geomorfológica Patamares da Serra Geral

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

No Vale do Taquari, a Unidade Geomorfológica Depressão Rio Jacuí é observada na porção sul. A região apresenta um relevo homogêneo, sem muitas variações altimétricas, ou seja, são observadas superfícies mais planas (planícies).



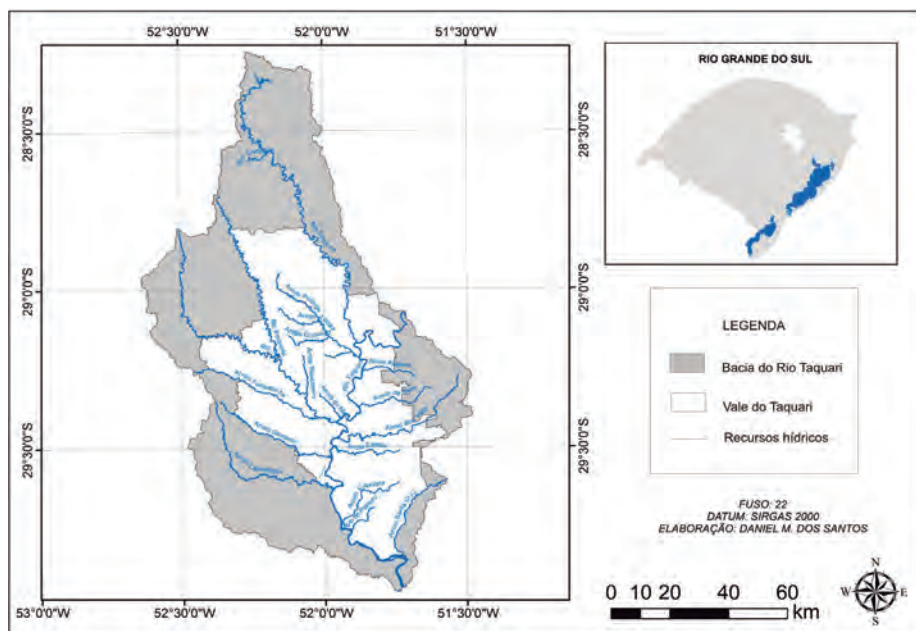
Paisagem típica da Unidade Geomorfológica Depressão Rio Jacuí
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates



Hipsometria

A hidrografia

O Vale do Taquari é drenado pela Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, que é o principal recurso hídrico. O Rio Taquari nasce no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais com a denominação de Rio das Antas. A partir da confluência com o Rio Carreiro, passa a denominar-se Rio Taquari, cuja foz é no Rio Jacuí. Das nascentes até a foz, o rio faz um percurso de 156.547,16m.



Hidrografia

Os principais afluentes do Rio Taquari são, na margem direita, os rios Guaporé, Forqueta, Arroio Sampaio e Arroio Castelhanos. Já na margem esquerda, são os arroios Augusta, Seca, Boa Vista, Estrela e Arroio Santa Cruz.

Vegetação

Inserida no bioma Mata Atlântica, a vegetação que cobre a maior parte do território do Vale do Taquari enquadra-se em duas regiões Fitoecológicas: Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Mista.

A Floresta Estacional Decidual é típica da maior parte do Vale do Taquari, sendo observada ao centro e ao sul. Já a Região Fitoecológica Floresta Ombrófila Mista ocorre com maior frequência ao norte.

A espécie *Araucaria angustifolia*, o pinheiro, é a mais comum da Floresta Ombrófila Mista, considerando sua importância fitogeográfica e comercial. Esta

espécie também foi muito usada para fins industriais. Assim, a partir da década de 1870, uma intensa ação antrópica descaracterizou os limites originais da vegetação florestal.

Clima

De acordo com a Classificação Internacional de Köppen, o clima do Vale do Taquari está enquadrado dentro da zona fundamental temperada úmida, subdividida em duas variedades: a subtropical, que ocorre no centro e no sul; a temperada, na região localizada ao norte, em especial, nos municípios de Arvorezinha, Anta Gorda, Ilópolis e Putinga.

O clima subtropical, que ocorre na maior parte do Vale, apresenta uma temperatura média anual de 19,61°C. A temperatura média mínima anual fica entre 14,43°C e 26°C.

Com uma precipitação pluviométrica de 1600 mm, as chuvas na região são bem distribuídas durante todos os meses do ano. Ocorrem com maior intensidade nos meses de inverno.

Obras consultadas para a elaboração do texto:

BDR. **Banco de Dados Regional**. Perfil do Vale do Taquari. 2011. Disponível em: <<http://www.univates.br>>.

DIEDRICH, Viane L.; FERREIRA, Everaldo R.; ECKHARDT, Rafael R. Espacialização das estimativas das temperaturas máximas, médias e mínimas anuais para o Vale do Taquari - RS - Brasil, pelo método de regressão linear. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2007.

ECKHARDT, Rafael R.; REMPEL, Claudete; SALDANHA, Dejanira L.; GUERRA, Teresina; PORTO, Maria L. Análise e diagnóstico ambiental do Vale do Taquari – RS – Brasil, utilizando sensoriamento remoto e técnicas do geoprocessamento. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2007.

ECKHARDT, Rafael R.; QUARTIERI, Marli T.; ALVES, Augusto; SALVADOR, Paulo F.; MALHEIROS, Marcelo G.; BIANCHINI, Cleberton D. Impactos econômicos das inundações no Vale do Taquari. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 20, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves, 2013.

JUSTUS, Jarbas de O.; MACHADO, Maria L. de A.; FRANCO, Maria do S. M. Geomorfologia. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, p. 313-404, 1986.

TEIXEIRA, Mario B.; NETO, Augusto B. C. Vegetação. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: V. 33, p. 541-632, 1986.

3 O homem chega à América e ao Vale do Taquari

É quase consenso entre os pesquisadores de que o homem, a partir da África, povoou o planeta. Durante esse período de expansão, a espécie humana criou uma série de mecanismos para adaptar-se e sobreviver a diversos ambientes. Para desvendar como o homem viveu ao longo de muitos milênios, recorre-se a ciências como a Arqueologia.



Rotas migratórias

A chegada do homem à América, isto é, como e quando ele chegou, ainda é uma incógnita. Persistem muitas dúvidas acerca da época da chegada dos primeiros homens na América. Estima-se que tenha sido entre 40.000 e 50.000 anos atrás; ou, ainda, em época bem mais recente, em torno de 20.000 anos atrás.

Sabe-se, porém, que, entre as espécies humanas que saíram da África e povoaram a Europa, Ásia e Oceania, apenas o *Homo sapiens* migrou para a América.

Acerca do caminho percorrido pelo homem desde a África até chegar à América, há pelo menos três teorias relativas às ondas migratórias, que poderiam ter sido as rotas adotadas pelos grupos humanos na migração. São elas:

Migrações via Estreito de Bering: é a hipótese mais conhecida a respeito da chegada do homem à América. Em virtude da formação de geleiras, provocadas pelas baixas temperaturas, surgiu uma ligação natural, uma ponte, que uniu o norte dos continentes asiático e americano, propiciando os deslocamentos, e, como consequência, o povoamento da América.

Migrações Transpacíficas: os primeiros americanos teriam migrado da Oceania, a partir da navegação em mar aberto, até chegar à América. Essa hipótese é formulada com base em esqueletos humanos bem antigos, cujas datas remontam de mais de 11.000 anos Antes do Presente, encontrados no Brasil, na Colômbia, no Chile e no México. As características cranianas desses esqueletos são semelhantes aos dos atuais africanos subsaarianos e australianos.

Migrações Transatlânticas: os primeiros povoadores da América teriam migrado da Europa para a América do Norte, em torno de 20.000 anos Antes do Presente. A teoria é sugerida e defendida por pesquisadores em função da semelhança entre artefatos líticos encontrados na costa leste dos Estados Unidos e ao norte da Espanha e da França.

Assim, muito antes da chegada dos europeus na América, as terras que hoje constituem o Rio Grande do Sul, bem como, o Vale do Taquari, já eram habitadas por diversos grupos indígenas.



A Arqueologia estuda a história do passado do homem, a partir de evidências materiais e ambientais de cada época, identificadas em sítios arqueológicos.

No Rio Grande do Sul, existe uma variedade muito grande de sítios arqueológicos, pertencentes a diferentes povos. Por todo Estado, encontram-se sítios como: sambaquis, casas subterrâneas, abrigos, cerritos, entre outros, que, protegidos por lei, fazem parte do Patrimônio Cultural do Brasil.

Obras consultadas para elaboração do texto:

MUSEU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **12000 anos de história:** Arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

MELO, Patrícia Pinheiro de. O problema do povoamento da América: uma nova proposta explicativa. **Clio Arqueológica**, Recife, n. 14, 2000.

SENE, Glaucia M. Caminhos pré-colombianos. **Revista de História**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/caminhosprecolombianos>>.



Áreas do Vale do Taquari colonizadas por grupos pré-coloniais

Os primeiros grupos humanos no Vale do Taquari: os Caçadores e Coletores

Os primeiros homens que habitaram o Rio Grande do Sul, e, por consequência, o Vale do Taquari, foram os indígenas conhecidos como Caçadores e Coletores que chegaram aqui por volta de 11.000 anos Antes do Presente. Eles receberam essa denominação por sobreviverem dos recursos naturais oferecidos pela natureza.

O processo de povoamento do Vale do Taquari não foi homogêneo no início, pois os Caçadores e Coletores migravam de tempos em tempos em busca de locais que oferecessem condições para viver bem. Procuravam por regiões que propiciassem abrigos e alimentos, uma vez que sua dieta alimentar e sobrevivência era baseada na caça de animais, aves, répteis e mamíferos de qualquer tamanho e ambiente; na pesca de peixes e na coleta de moluscos, insetos, crustáceos, mel de abelhas silvestres, ovos e vegetais. Aproveitando o que o ambiente oferecia nas quatro estações do ano, os grupos desenvolveram alta mobilidade no espaço, deslocando-se, muitas vezes, atrás dos animais de caça.

Na época em que os primeiros grupos de Caçadores e Coletores chegaram ao Rio Grande do Sul, encontraram um ambiente diferente do atual. A temperatura média era mais baixa, assim como as chuvas eram em menor escala. Dessa maneira, os rios tinham pouca água, tendo a paisagem uma fisionomia de forte aridez. Com o passar do tempo, o clima ficou cada vez mais parecido com o atual.

Esses grupos não praticavam a horticultura, ou seja, não plantavam. Porém, produziam uma série de instrumentos para seu uso diário, bem como, artefatos que possibilitavam, além da caça, o preparo de alimentos e, possivelmente, a confecção de vestimentas muito rudimentares.



Os instrumentos em pedra foram variados, entre eles, talhadores, quebradores de frutos, machados e pontas de flecha. A matéria-prima para a produção desses instrumentos provinha de bancos de seixos dos rios (cascaheiras), de blocos ou de afloramentos rochosos.



Pontas de projétil

Fonte: Acervo fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates



Caçadores e Coletores deixaram marcas de sua passagem em abrigos, grutas ou acampamentos a céu aberto, onde são encontrados restos de comida e esqueletos de animais, bem como, pinturas e ranhuras deixadas nos paredões. Os restos de alimentos, encontrados principalmente nos abrigos rochosos, dão a entender que esses grupos praticavam a caça generalizada de animais como antas, veados, porcos-do-mato, cutias, coatis, pacas, bugios, jaguatiricas, tatus, ratões do banhado, preás, cágados e lagartos. Encontram-se, também, ossos de peixe e conchas de caramujos terrestres ou de água doce. Além disso, coletavam vegetais e frutas silvestres para comer. Os vestígios mostram que conseguiram a alimentação, apropriando-se de produtos naturalmente disponíveis no ambiente.

O ambiente encontrado por grupos Caçadores e Coletores permitiu que circulassem por praticamente todas as áreas do Vale do Taquari. O referido espaço apresentava condições ideais à sobrevivência, pois havia uma boa oferta de recursos naturais.



Abrigo sob rocha - Sítio Arqueológico RS-T-17, Paverama/RS

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

Quanto à antiguidade de ocupação dessas populações no território do Vale do Taquari, pode-se tomar como referência as pesquisas realizadas pelo arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, na década de 1980, entre os Vales do Rio Caí e do Rio Taquari. Uma das formas de saber a época em que um grupo indígena habitava um determinado lugar são datações pelo método C14 ou radiocarbônicas. A data é estipulada a partir da análise de fragmentos de carvão associados ao material arqueológico encontrado.

Na oportunidade, o arqueólogo coletou material orgânico no Sítio Arqueológico RS-TQ-58, situado na localidade de Batinga Sul, município de Brochier. A partir da análise pelo método C14, as amostras revelaram que o homem esteve no local há cerca de 8290 ± 130 anos Antes do Presente. Sendo assim, considerando a proximidade do município de Brochier, local onde está implantado o sítio RS-TQ-58, do Vale do Taquari, essas populações poderiam estar circulando e povoando essas duas regiões, simultaneamente.



5cm

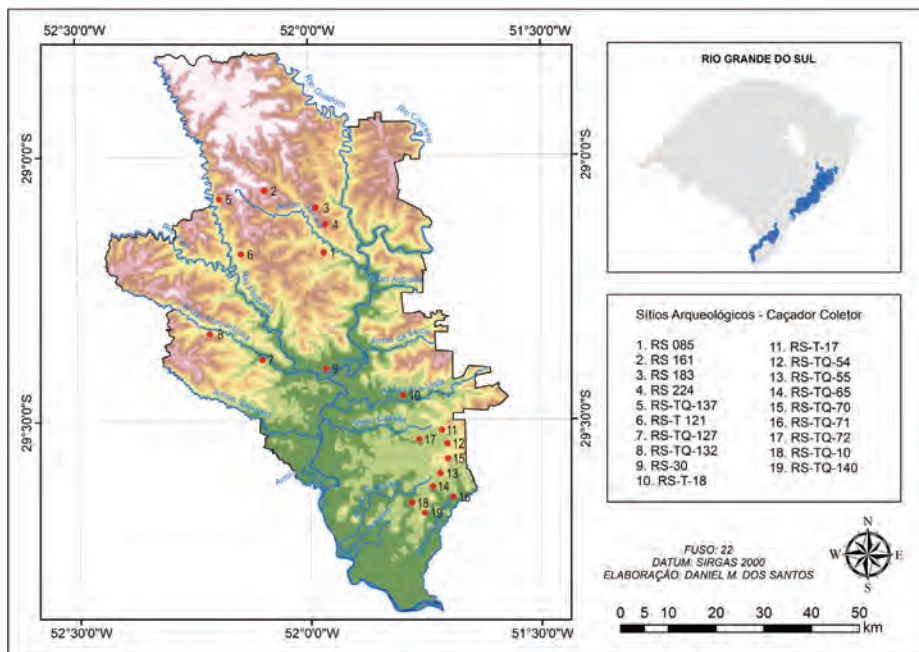
Artefato lítico

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

Em 2016 foram realizadas novas datações C14 na região. A partir de amostra de carvão coletada em sítio arqueológico localizado no município de Arvorezinha, o resultado da análise revelou a data de 2250 ± 30 anos Antes do Presente. Dessa forma, é bem provável que, entre 9000 e 1000 anos atrás, os Caçadores Coletores circulavam e dominaram a região e muitas áreas do Estado.

Desde a década de 1960, quando se deu o início das pesquisas arqueológicas no espaço Vale do Taquari, inúmeros sítios caçadores e coletores foram registrados. A prospecção e/ou registro desses sítios foi idealizada a partir de projetos acadêmicos e projetos desenvolvidos a partir do licenciamento em áreas a serem impactadas com a construção de algum empreendimento, Arqueologia de Contrato.

Como as populações Caçadoras e Coletoras eram nomades, circularam por todo o território do Vale do Taquari. Os sítios arqueológicos prospectados estão inseridos de norte a sul.



Localização dos sítios arqueológicos no Vale do Taquari
Fonte: Kreuz (2015).

Obras consultadas para elaboração do texto:

BUENO, Lucas; DIAS, Adriana S. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, 2015.

KREUTZ, Marcos R. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII** – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. 2016. Tese, 330 f. (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

PEZZO, Mariana. Datação por carbono – 14. **Univerciência**, 2002.

RIBEIRO, Pedro A. M.; KLAMT, Sérgio C.; BUCHAIM, Joaquim J. S.; RIBEIRO, Catharina T. Levantamentos arqueológicos na encosta do planalto entre os vales dos Rios Taquari e Caí. **Revista do CEPA**, v. 16, n. 19, out. 1989.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Estratégias usadas no estudo dos caçadores do Sul do Brasil: alguns comentários. **Pesquisas**, Antropologia 40, São Leopoldo, 1985.

4 Indígenas colonizadores: os horticultores

Por volta do início da Era Cristã, passou a ocorrer uma nova configuração na paisagem do Rio Grande do Sul, quando a temperatura e a precipitação se assemelhavam muito às atuais. A partir desse contexto, muito provavelmente os povos Caçadores e Coletores perderam espaço para novas etnias, grupos mais sedentários, produtores de cerâmica e que praticavam algum tipo de cultivo de plantas alimentares domesticadas. O território do atual Estado do Rio Grande do Sul começou então a ser colonizado por povos conhecidos como Jê Meridionais e Guarani. Ambas as etnias se estabeleceram nas áreas florestadas do Vale do Taquari.

Um novo povoamento: Jê Meridionais

Por volta de 1200 anos atrás, chegaram ao Vale do Taquari os Jê Meridionais ou Proto-Jê Meridionais. Originários da Região Central do Brasil, integram o Tronco Linguístico Macro-Jê, falantes da língua Jê.

Os Jê Meridionais são conhecidos como construtores de casas subterrâneas, os “buracos de bugre” no vocabulário popular, cujas habitações são construídas em buracos escavados no solo e cobertas com galhos de palmeiras. As estruturas estão marcadas na paisagem até hoje, constituindo, sem dúvida, uma das transformações físicas mais lembradas pelos europeus e por seus descendentes que se estabeleceram posteriormente no Vale.



Estrutura subterrânea

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

No Vale do Taquari, a presença das sociedades Jê Meridionais ficou concentrada ao norte. Ocuparam as “terras altas” da região, seguindo as matas onde havia pinheiros (*Araucaria angustifolia*) em grande quantidade. Os sítios arqueológicos (onde se verificam as casas subterrâneas e vestígios espalhados pela superfície) encontrados nessa região estão localizados acima de 500m de altitude, ou seja, as aldeias em tempos remotos situavam-se na região de planalto.

A Floresta de Araucária representava um importante papel no dia a dia dos Jê Meridionais. O pinhão correspondia a uma parcela significativa na alimentação, pois era consumido *in natura*, bem como, podia ser processado para ser utilizado como farinha, que poderia ser consumido por mais tempo. Além disso, a madeira era utilizada na construção de habitações, bem como, para preparar a alimentação e auxiliar no aquecimento, especialmente no inverno.



Para estocar alimentos e líquidos, utilizavam vasilhas de cerâmica, que eram de grandes proporções e possuíam um *design* menos espesso do que as cerâmicas Guarani, por exemplo. Muitas apresentavam decorações plásticas, isto é, alterações na superfície da argila, feitas com materiais pontiagudos, antes da secagem e da queima da argila.



Fragmentos de cerâmica
Fonte: Acervo fotográfico do
Laboratório de Arqueologia
da Univates.

Essas populações também produziam grandes e pesados instrumentos líticos, como machados, picões, raspadores, artefatos bifaciais curvos parecidos com um bumerangue, entre outros. Esses instrumentos provavelmente eram utilizados para escavar o solo quando eram construídas as casas subterrâneas, para preparar a terra para o plantio, assim como, para a derrubada da mata para posterior uso.

Além das estruturas subterrâneas, essas sociedades poderiam estabelecer-se em aldeias, em terrenos a céu aberto, com choças de palha em terrenos mais baixos e em refúgios temporários, como abrigos rochosos.



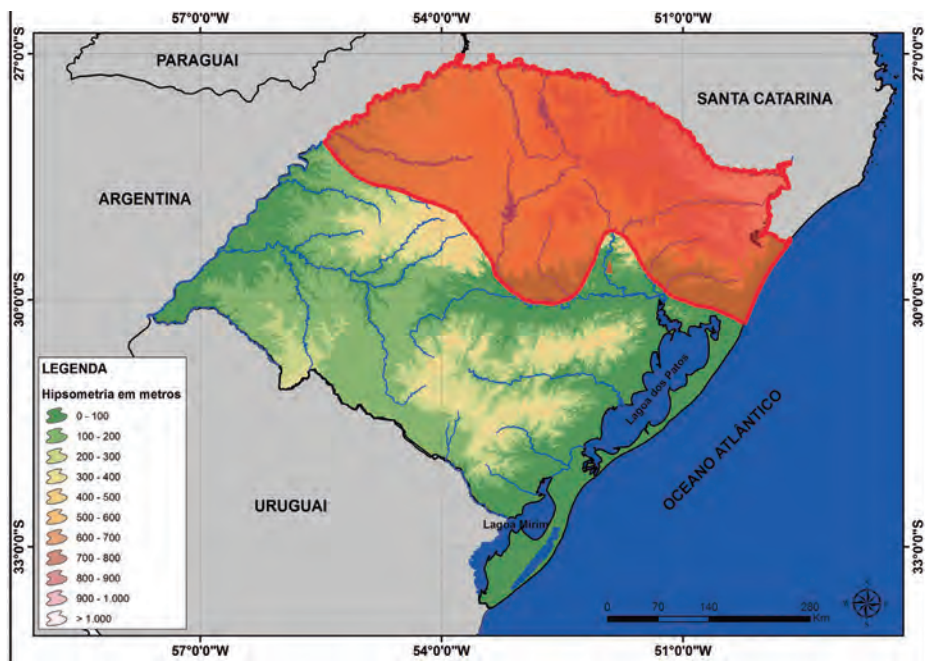
Instrumentos líticos

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

Os sítios arqueológicos dessas populações são encontrados, além do Estado do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Na província de Misiones na Argentina, também existem sítios arqueológicos de grupos Jê. Em todos esses espaços, os sítios estão localizados em terras altas, seguindo a Floresta da Araucária.

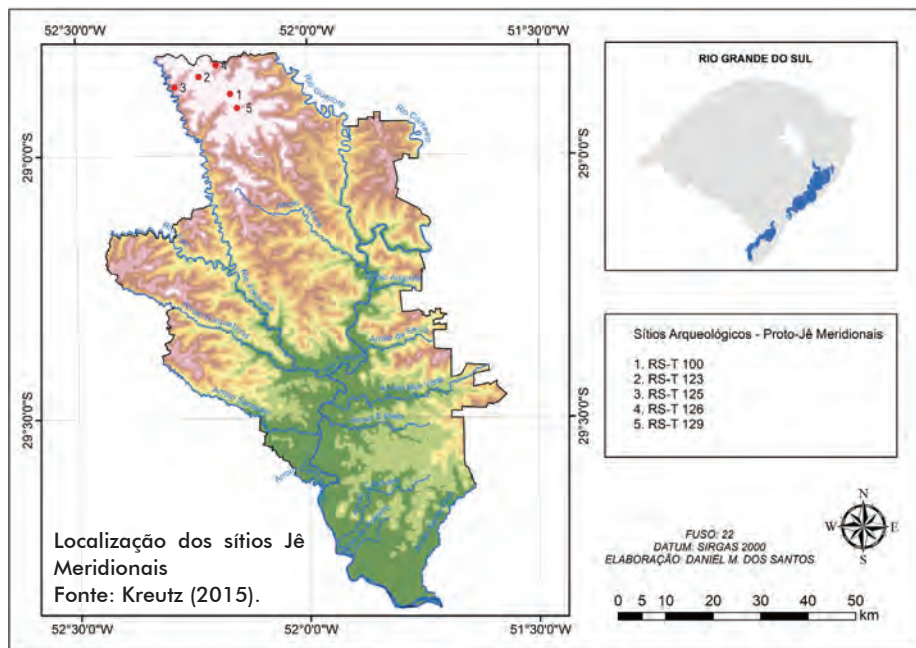
Pesquisas atuais sugerem a ligação étnica e linguística entre as populações Jê Meridionais e os indígenas Kaingang e Xokleng.

Essa ligação seria em função do compartilhamento de técnicas utilizadas pelas populações pré-coloniais com as atuais, assim como a semelhança entre os grafismos presentes na cestaria.



Os Jê Meridionais povoaram áreas do planalto
 Mapa elaborado a partir das informações contidas em Noelli (1999).

No espaço Vale do Taquari, O registro de sítios pertencentes a grupos horticultores associados à sociedades Jê Meridional é mais recente. Somente a partir de Projetos Acadêmicos no início da década de 2000 foram prospectados os primeiros sítios no Vale.



Sítio Arqueológico RS-T 126

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

Obras consultadas para elaboração do texto:

NOELLI, Francisco da S. A ocupação humana no sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas, 1872-2000. **Revista USP**. São Paulo, n. 44, 1999/2000.

SCHMITZ, Pedro I.; NOVASCO, Raul V. Pequena história Jê Meridional através do mapeamento dos sítios datados. **Pesquisas**, São Leopoldo, n. 70, 2013.

WOLF, Sidnei. **Arqueologia Jê no Alto Forqueta/RS e Guaporé/RS: um novo cenário para um antigo contexto**. 2016. Tese, 341 f. (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

Guarani: um povo colonizador

As pesquisas arqueológicas regionais têm indicado que os Jê Meridionais ocuparam as terras altas do Vale do Taquari entre 1200 e 600 anos Antes do Presente. No mesmo período em que se constata o fim das ocupações nas casas subterrâneas, verifica-se a chegada de populações Guarani nas planícies da região.

Os Guarani, povos conquistadores e antropófagos, organizaram grandes aldeias nas planícies dos rios e arroios da região. Manejavam a floresta, cultivavam diversos alimentos domesticados e produziam vasilhas de cerâmica para guardar comida, bebida e enterrar alguns mortos da aldeia.

Falantes da língua Guarani, pertencentes ao tronco linguístico Tupi e família linguística Tupi-Guarani, esses grupos são originários do sudoeste da Região Amazônica. Indígenas Guarani chegaram ao Rio Grande do Sul há cerca de dois mil anos e colonizaram uma significativa extensão territorial do Estado.

Os Guarani escolhiam locais que pudessem satisfazer suas necessidades de subsistência. No caso, áreas com a matéria-prima utilizada na confecção dos objetos de sua cultura material, fontes de argila para a produção de cerâmica e depósitos de seixos de basalto para a fabricação dos artefatos líticos. Esses locais deveriam estar próximos a rios, pois, ao mesmo tempo em que supriam a necessidade de água, permitiam a pesca e a navegação. Outros aspectos, como, por exemplo, terra fértil para o cultivo de vegetais e uma localização que propiciasse fácil defesa do grupo também influenciavam a escolha do local de assentamento.



Os Guarani eram agricultores, isto é, cultivam inúmeras espécies vegetais para o consumo. As roças eram cultivadas após a abertura de locais próprios na mata por meio das queimadas, a coivara.

Em meio a cinzas e troncos caídos, que serviam como adubo, plantavam mandioca, milho, feijão, batata-doce, entre muitas outras espécies vegetais. Sua dieta alimentar não se restringia apenas aos vegetais produzidos. A caça e a pesca também eram uma importante fonte de alimentos e de proteínas.



O sistema de “manejo agroflorestal”, nome da economia associada a esses povos, deve ter propiciado a ampliação da biodiversidade de vegetais em locais onde os Guarani se instalavam. Ao mesmo tempo em que reconheciam novas áreas, coletavam novas espécies para cultivá-las em suas roças, aumentando assim o número de vegetais de seu interesse.

Dessa forma, ao se instalarem em novos locais, traziam consigo um “pacote básico” de plantas de interesse, cuja região de origem poderia estar localizada a centenas de quilômetros de distância. Essa prática gerou um intenso intercâmbio de plantas entre os espaços ocupados.

Além disso, os Guarani também tinham o hábito de manejar florestas nativas, criando florestas artificiais, onde plantavam espécies que lhes eram úteis.

As populações Guarani faziam intenso uso dos recursos vegetais disponíveis nos locais onde estavam assentados. Disponível junto as aldeias, a floresta, em especial a Mata Atlântica, oferecia múltiplos recursos, pois dela vinha o alimento, a matéria-prima para erguer as habitações, bem como, as ervas produzidas para curar as enfermidades.

Um dos traços característicos dessa sociedade era a produção de cerâmica. Preparadas pelas mulheres da aldeia, as vasilhas produzidas tinham formas, tamanhos e decorações variadas. Podiam ser utilizadas para os mais variados fins, como preparar, servir e armazenar alimentos sólidos e bebidas, sendo, portanto, peça fundamental no dia a dia.



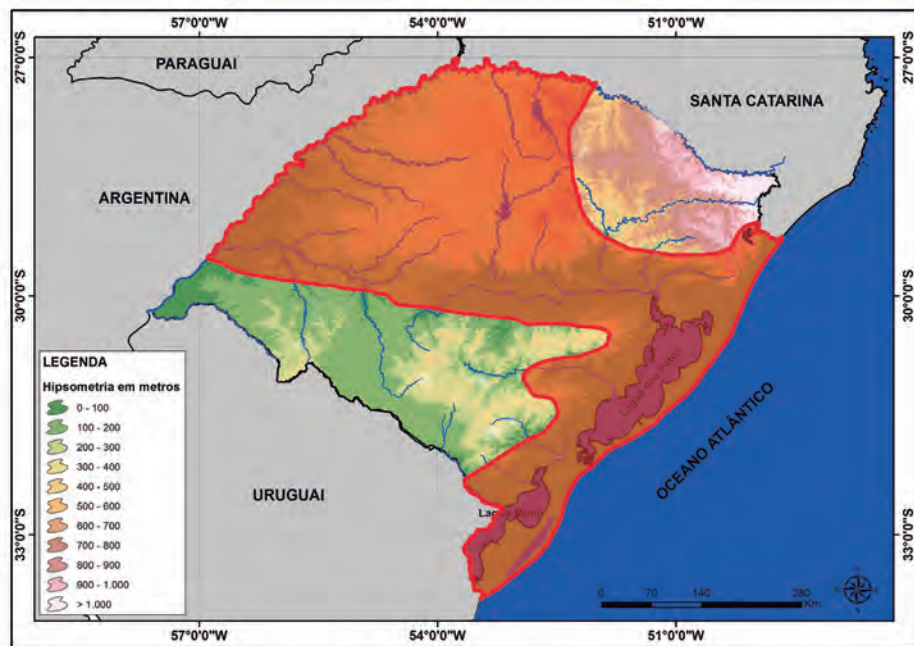
Cerâmica Guarani
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

Algumas vasilhas poderiam ter funções mais especializadas, ligadas a práticas religiosas e/ou ritualísticas, em rituais de iniciação, em enterros e em festas de cauinagem, quando se praticava o consumo do cauim, bebida fermentada alcoólica produzida a partir do milho e da mandioca. Essas vasilhas geralmente recebiam a pintura de grafismos em branco, preto e vermelho.

Em sítios arqueológicos Guarani, são encontrados artefatos líticos, isto é, ferramentas produzidas a partir de pedras. Esses utensílios (cuja produção e manutenção era tarefa masculina) eram produzidos principalmente com seixos de basalto (cascalhos), que, depois de prontas, tinham variadas funções. Eram utilizadas na caça, na derrubada do mato e no preparo das roças, bem como, no preparo de alimentos. Ao longo dos cursos dos rios e arroios da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, havia depósitos de seixos de arraste fluvial, conhecidas também como cascalheiras. Esses depósitos de seixos eram a principal matéria-prima utilizada para a confecção de muitos instrumentos como talhadores, lâminas polidas e mãos de pilão. Esses últimos serviam para socar ou para triturar grãos e vegetais.



Artefatos líticos
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.



Áreas habitadas por grupos Guarani

Mapa elaborado a partir das informações contidas em Noelli (1999).

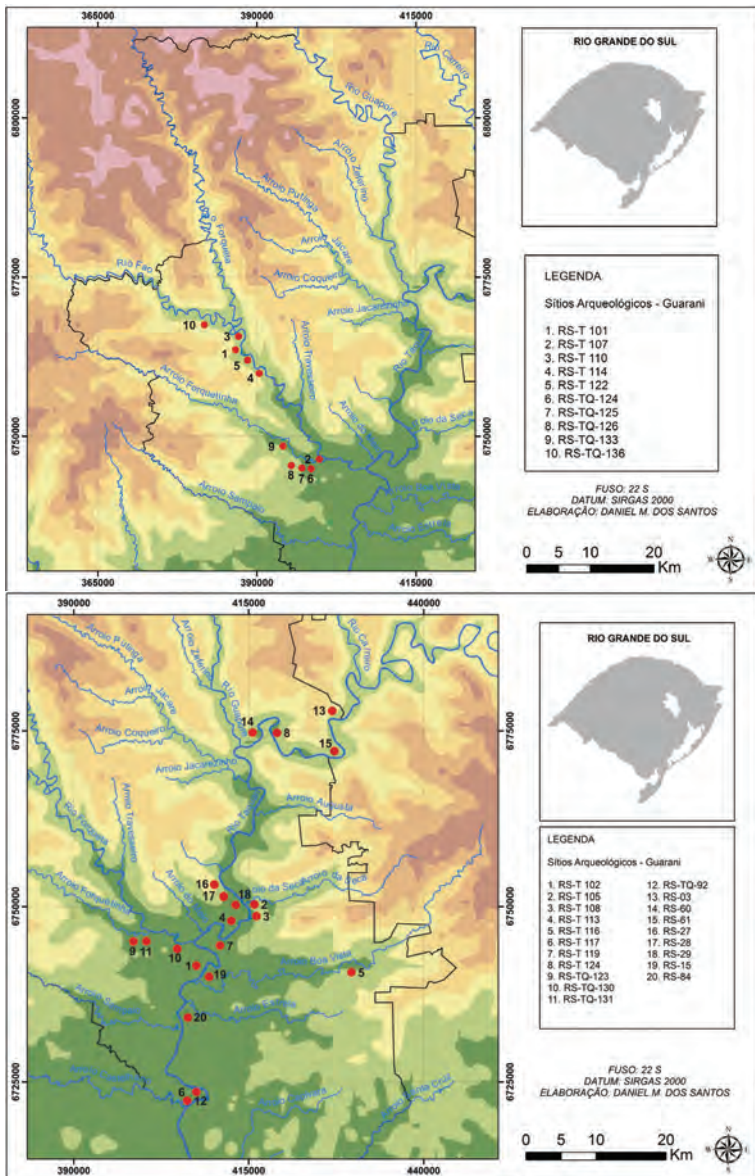
A partir de datações C14 em quatro sítios arqueológicos pertencentes aos Guarani, RS-T 114, RS-T 101, RS-T 117 e RS-03, é possível afirmar que essas populações colonizaram as planícies do Vale do Taquari entre os anos de 1300 até princípios de 1800, ou seja, por mais de cinco séculos consecutivos.

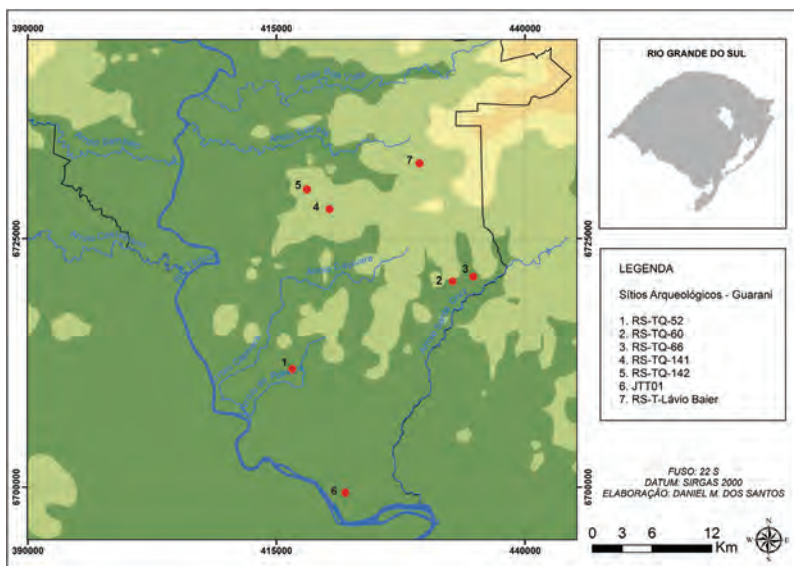


Planícies ao longo dos rios foram colonizadas por populações Guarani
 Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

A presença Guarani no Vale do Taquari ficou registrada nos diversos sítios arqueológicos. Ao longo de 50 anos foram prospectados, pesquisados e cadastrados sítios a partir de Projetos Acadêmicos, Arqueologia Rotineira, e oriundos de Licenciamentos Ambientais, Arqueologia de Contrato.

Sítios registrados ao longo do Rio Taquari e seus afluentes.





Fonte: Kreutz (2015).



Fragmento de cerâmica pintada
 Fonte: Acervo do Laboratório
 de Arqueologia da Univates

Obras consultadas para elaboração do texto:

FIGENBAUM, Jones. **Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS.** 2009. Dissertação, 221f. (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

KREUTZ, Marcos R. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII** – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. 2016. Tese, 330 f. (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

NOELLI, Francisco S. **Sem Tekohá não na Tekó:** em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS. 1993. Dissertação, 367f. (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 1993.

SANTI, Juliana R. **O passado no presente:** vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno, RS. 2009. Tese, 318f. (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHNEIDER, Fernanda. **Interpretação do espaço Guarani:** um estudo de caso no Sul da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil. 2014. Dissertação, 216f. (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

5 Outros grupos indígenas que povoaram o Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul também foi povoado por outras etnias indígenas que se estabeleceram no litoral, bem como, mais ao sul do estado.

Os povos que viviam no litoral

Os povos indígenas que viviam no litoral brasileiro, no período pré-colonial encontraram na natureza as condições para se estabelecerem e se desenvolverem. Tal grupo ocupou a costa da América do Sul, desde o atual Estado do Espírito Santo até o Uruguai.

Os indígenas que viviam no litoral eram sociedades pescadoras e coletoras; porém, eram mais sedentários do que os grupos mais tradicionais. Arqueólogos acreditam que esse sedentarismo se deve, principalmente, ao fato de praticarem a pesca para sua subsistência. Estabeleciam-se nas grandes planícies sedimentares do litoral, junto a lagoas, a lagunas e à desembocadura dos rios, zonas ricas em peixes, moluscos e crustáceos, os quais, aliados à caça de outros animais e à coleta de frutas silvestres, constituíam sua principal alimentação. Esses grupos são também conhecidos como Sambaquianos, responsáveis pela construção e pela formação dos sambaquis.

Os sambaquis são formações artificiais, isto é, construídos pelo homem. São estruturas erguidas com areia, acúmulo de conchas, ossos de peixes, entre outros vestígios provenientes da ocupação e da transformação humana da paisagem. Em outras palavras, essas populações consumiam, por exemplo, moluscos, cujas cascas eram amontoadas para transformar-se num lugar seco na planície úmida, onde moravam. Desta maneira, geração após geração, ocupando o mesmo monte de conchas, durante milênios, os sambaquis poderiam adquirir proporções enormes, com estruturas de tamanhos variados, isto é, entre 2 a 60 metros de altura e entre 10 a 500 metros ou mais de extensão.



Sambaqui localizado próximo ao Farol de Santa Marta, Santa Catarina
Fonte: Acervo Fotográfico de Sérgio Nunes Lopes.

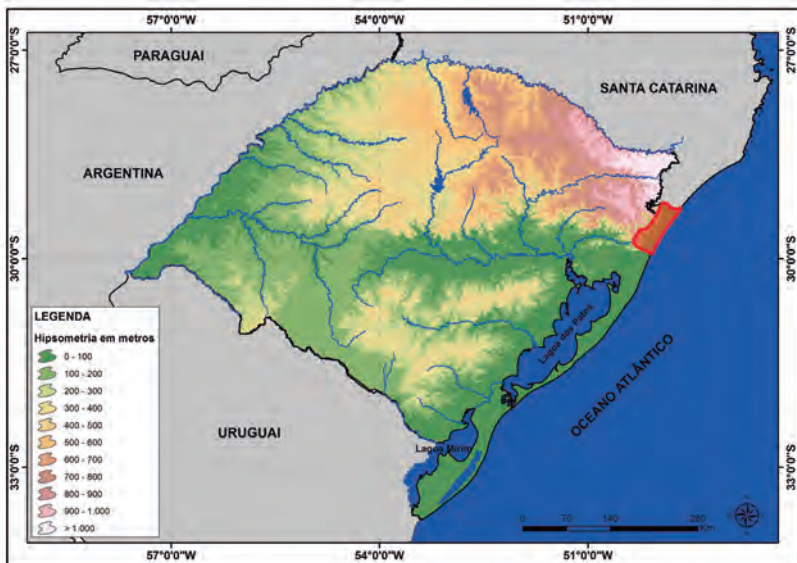
Muitas atividades diárias eram realizadas pelas populações litorâneas nos sambaquis, entre elas, o preparo dos alimentos para o consumo. Nos sambaquis são encontrados carvão, cinza e restos de fogueiras, ossos de peixes, de aves e de mamíferos, pinças de crustáceos, cascas de tartarugas, espinhos de ouriço do mar. É comum encontrar ossadas de baleia, muitas vezes, parcialmente carbonizadas.

Os sambaquis eram também o espaço onde os indígenas realizavam seus rituais e festas, bem como, enterravam seus mortos.

Os povos do litoral confeccionavam diversos instrumentos e esculturas em basalto ou ossos de baleias. Eles haviam aprimorado técnicas de lascar e de esculpir o basalto e depois poli-lo até que as peças ficassem lisas e bonitas. Produziam todos os artefatos que utilizavam no dia a dia, além de confeccionar os zoolitos, esculturas de aves, peixes e de outros animais. Quanto à cronologia de ocupação, não existe unanimidade entre os arqueólogos. Datações realizadas com fragmentos de carvão revelam que os sambaquis mais recentes foram construídos por volta de 1.000 anos Antes do Presente. Já os mais antigos, 7.000 anos Antes do Presente.

Ao longo de muitos anos, os sambaquis serviram de fonte para a extração de cal, usado na construção civil, na produção de calcário para correção do solo, bem como, serviam de base para a construção de estradas. Atualmente, a destruição dos sambaquis não é permitida, pois são protegidos por lei, criada em 1961.

Posteriormente os sambaquis foram ocupados por outras etnias.



Pescadores e Coletores povoaram o litoral do estado
Mapa elaborado a partir das informações contidas em Noelli (1999).

Obras consultadas para elaboração do texto:

FIGUTTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, n. 3, 1993.

KLUEGER, Urda Alice. O povo das conchas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2005.

ROHR, João Alfredo. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**. Florianópolis, n. 17, 1984.

Povos dos Cerritos

A região do pampa na América do Sul apresenta vastas planícies onduladas pelas coxilhas. A paisagem plana e homogênea se perde no horizonte, destacando-se, muitas vezes, apenas a vegetação. Nesse ambiente, fixaram-se indígenas conhecidos como construtores de cerritos. Além do Rio Grande do Sul, esses grupos também viviam nas porções leste e norte do Uruguai e nordeste da Argentina. Os cerritos mais próximos do Vale do Taquari encontram-se a oeste, entre os rios Pardo e Pardinho.

Para muitos pesquisadores, os cerritos foram construídos por indígenas Caçadores e Coletores, que, ao longo de muitos séculos, desenvolveram outras técnicas e hábitos mais complexos, como a confecção de cerâmica, além de uma preocupação diferenciada com os mortos. Outros arqueólogos, porém, entendem que a construção dessas estruturas pertencem a um grupo cultural distinto, denominado simplesmente de cerriteiros.

Os cerritos ou aterros, sítios arqueológicos conhecidos na linguagem arqueológica como “*mounds*”, são estruturas monticulares construídas artificialmente com terra e pedras. Também podem ser compostas por diferentes vestígios de cultura material, como cerâmica e instrumentos líticos, além de restos de alimentação. Estas estruturas são bem visíveis na paisagem.

No Rio Grande do Sul, estão localizados, geralmente, em zonas baixas e alagadiças em grupos de três, quatro ou cinco montes, próximos uns dos outros. As dimensões dos cerritos variam desde meio até sete metros de altura e de 10 a 50 metros de diâmetro, em forma ovalada ou elipsóide.

A construção dos cerritos ainda é uma incógnita para a Arqueologia, pois existem várias interpretações para o surgimento de tais áreas. A função destas estruturas poderia estar ligada a várias atividades desenvolvidas pelos indígenas, desde rituais funerários, acampamentos de caça e de pesca, demarcadores territoriais, praças centrais das aldeias a plataformas de terra erguidas para habitação em áreas alagadiças.



Cerrito localizado no município de Santa Vitória do Palmar/RS

Fonte: Acervo Fotográfico de Vanessa B. Quintana.

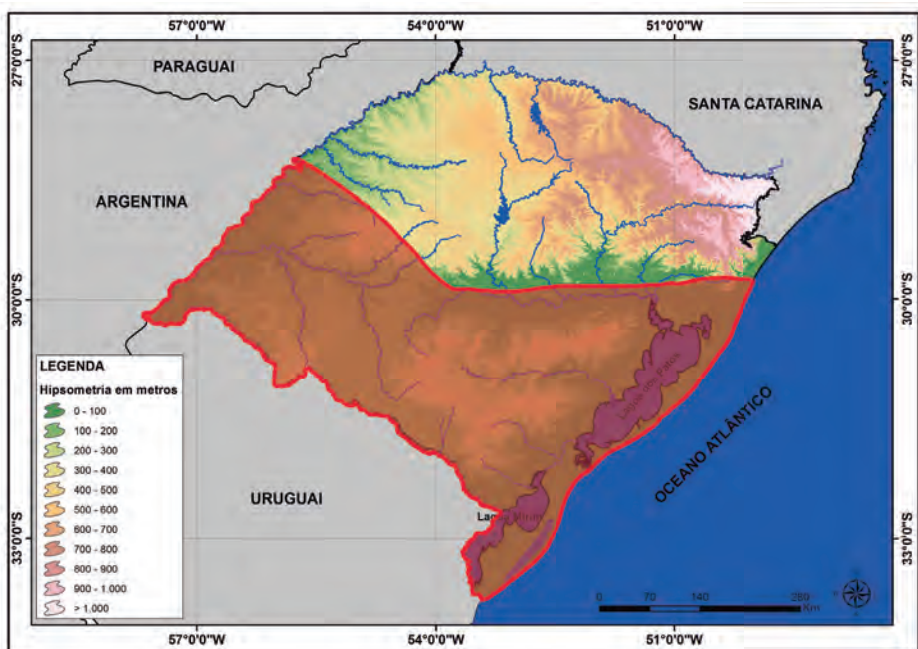
Os colonizadores do sul do Estado produziam inúmeros artefatos utilizados no dia a dia. Entre elas, pontas de flechas, conhecidas como pontas de rabo de peixe. Produziam também bolas de boleadeiras, objetos bifaciais e potes de cerâmica.



As boleadeiras eram normalmente utilizadas para a caça

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates

A partir da colonização do Rio Grande do Sul por espanhóis e portugueses, essas populações indígenas passaram a ser conhecidas como Minuanos e Charruas, que incorporaram costumes e técnicas dos europeus, entre elas, a montaria em cavalos e a adição da carne bovina na alimentação.



Povos dos cerritos

Mapa elaborado a partir das informações contidas em Noelli (1999).



Sambaqui

Fonte: Acervo Fotográfico de Sérgio N. Lopes.



Cerrito

Fonte: Acervo Fotográfico de Vanessa B. Quintana.

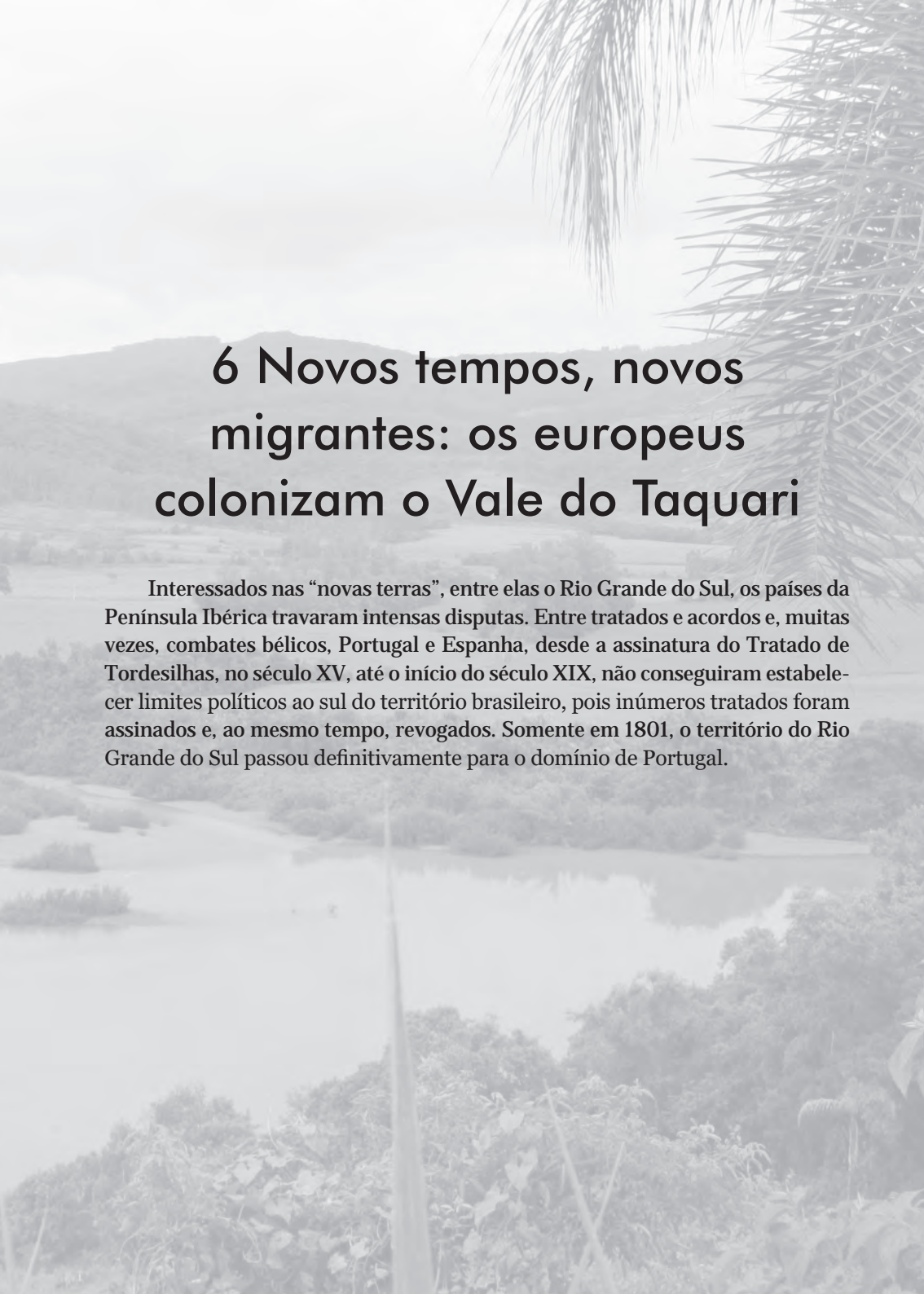
Obras consultadas para elaboração do texto:

GARCIA, Anderson M.; MILHEIRA, Rafael G. Gestão de fontes de matéria-prima lítica pelos construtores de cerritos no Sul do Brasil: um estudo de caso. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2013.

QUINTANA, Vanessa B. **Lugares pensados, lugares transformados, lugares vivos**: os cerritos do Banhado do M'Boororé enquanto manifestações de uma cultura local. 2010. Dissertação, 126 f. (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Irene Basile. Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira. **Documentos 05**. São Leopoldo, 2006.

Uma nova página da história indígena na América foi gerada após a chegada dos colonizadores europeus. Muitas aldeias foram desestruturadas na América. No Vale do Taquari não foi diferente, pois, a partir dos primeiros contatos ocorridos há 400 anos (século XVII), modificou-se totalmente o modo de vida das comunidades indígenas. Mesmo assim, com dificuldades, houve resistência indígena nessas terras. As sociedades indígenas nunca deixaram de movimentar-se por esses espaços.



6 Novos tempos, novos migrantes: os europeus colonizam o Vale do Taquari

Interessados nas “novas terras”, entre elas o Rio Grande do Sul, os países da Península Ibérica travaram intensas disputas. Entre tratados e acordos e, muitas vezes, combates bélicos, Portugal e Espanha, desde a assinatura do Tratado de Tordesilhas, no século XV, até o início do século XIX, não conseguiram estabelecer limites políticos ao sul do território brasileiro, pois inúmeros tratados foram assinados e, ao mesmo tempo, revogados. Somente em 1801, o território do Rio Grande do Sul passou definitivamente para o domínio de Portugal.

Expedições exploratórias no Rio Grande do Sul

As primeiras expedições europeias ao Estado do Rio Grande do Sul foram exploratórias e de reconhecimento, com o objetivo de verificar as possibilidades de explorar economicamente o território do novo continente, dentro das concepções econômicas da época, baseadas no mercantilismo e no metalismo. Porém, a partir das explorações realizadas na época, tanto para espanhóis como para os portugueses, as terras ao sul do Brasil não ofereciam atrativos econômicos que propiciassem retorno financeiro de acordo com a lógica econômica reinante na época.

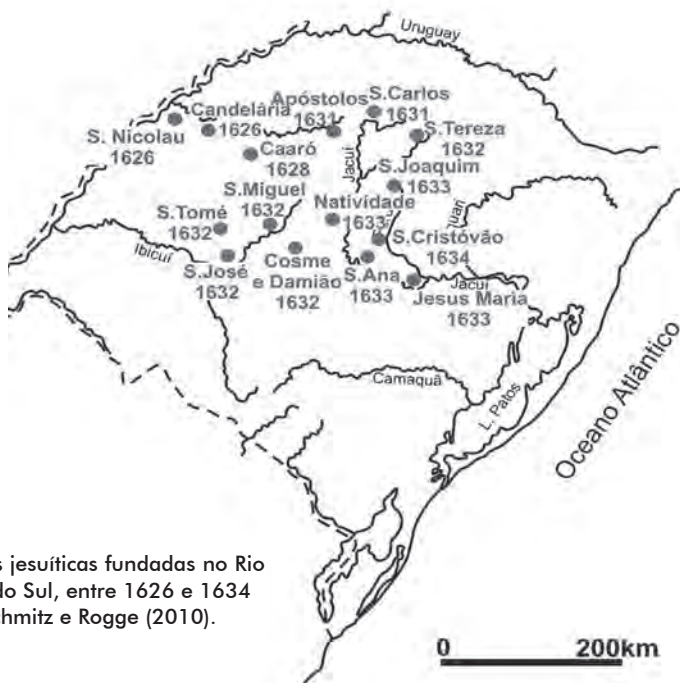
A primeira expedição europeia em terras do litoral gaúcho foi em 1531-1532, quando os irmãos Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza exploraram o litoral desde Montevideu, no Uruguai, até o Rio Tramandaí no Rio Grande do Sul. Essa expedição concentrou-se apenas na costa, isto é, os exploradores não adentraram o interior do continente.

Somente um século mais tarde, em 1626, ocorreu a exploração oficial do território do Rio Grande do Sul. A fundação das reduções jesuíticas na região oeste do Estado marca o início da colonização europeia. Vale lembrar que, a partir do Tratado de Tordesilhas assinado em 1494 com a mediação do Papa, o território do Rio Grande do Sul pertencia à Espanha.

É bem provável que até a década de 1630, poucos viajantes ou exploradores tenham circulado pelo território do Vale do Taquari. Entretanto, isso é apenas uma hipótese, pois não são conhecidos documentos da passagem de algum europeu pela região. Em 1635 a Companhia de Jesus envia dois padres para explorar o Vale. Provavelmente os missionários espanhóis foram os primeiros homens de origem europeia a navegar pelo Rio Taquari e explorar a região.

A fundação das reduções no Rio Grande do Sul

Além de cristianizar os habitantes da América do Sul, a Companhia de Jesus tinha como objetivo defender os interesses da Espanha. A fundação de reduções, sob o ponto de vista da Coroa espanhola, tinha como objetivo submeter os indígenas Guarani a fim de integrá-los à sociedade colonial como mão de obra acessível. A Espanha também passou a interessar-se por combater o avanço de Portugal na região do Prata. Nesse sentido, o estabelecimento das reduções jesuíticas poderia contribuir para conter esse avanço. Para iniciar o processo de conversão e a fundação de reduções no Rio Grande do Sul, em 1626, o Padre Roque González é incumbido pela Companhia de Jesus para realizar incursões a fim de averiguar locais propícios para a construção de aldeamentos. Assim, entre 1626 e 1634, os jesuítas fundaram mais de dez reduções.



Reduções jesuíticas fundadas no Rio Grande do Sul, entre 1626 e 1634
 Fonte: Schmitz e Rogge (2010).

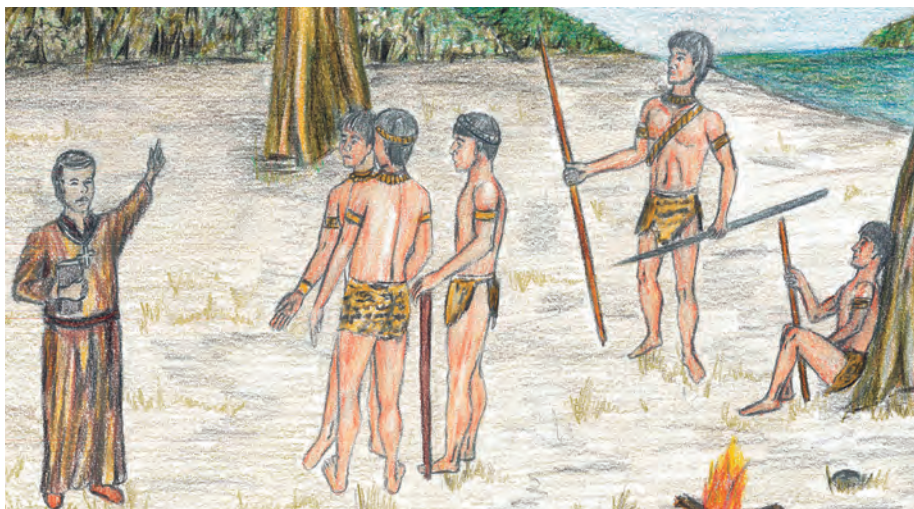
Os jesuítas espanhóis no Vale do Taquari

A passagem de jesuítas espanhóis pelo território do Vale do Taquari está registrado nas Cartas Ânua. Geralmente, a historiografia se baseia nesses relatos para tentar compreender os motivos ou as pretensões dos religiosos da Companhia de Jesus ao circularem pelo Vale.

Datam de 1635, os primeiros relatos da presença de jesuítas no Vale do Taquari. Em 03 de janeiro de 1635, os padres jesuítas Francisco Ximenes e João Suarez partem da Redução de Santa Teresa, situada no território do atual município de Passo Fundo, numa expedição para terras da região do Rio Taquari, com o objetivo de fazer contato com grupos indígenas. Na época, o rio era chamado de Tebicuari.

O relato da expedição é descrita na Carta Ânua intitulada, “Carta do Padre Francisco Ximenes para seu Superior, dando-lhe conta de uma entrada ao Rio Tebicuari”. O padre relata a expedição realizada por parte do território do Vale do Taquari. Nela são descritas detalhes da visita a aldeias Guarani.

Segundo as descrições, os padres Francisco Ximenes e João Suarez partem da Redução de Santa Teresa (hoje território de Passo Fundo), navegam, quando possível, pelo Rio Guaporé até chegar ao Rio Taquari.



Pela descrição do Padre Ximenes, as incursões realizadas pelos jesuítas podem ter ocorrido em aldeias Guarani localizadas em ambas as margens do Rio Taquari, nos atuais municípios de Muçum, Encantado e Roca Sales. Nessas planícies, existem sítios arqueológicos registrados, bem como, locais onde foram evidenciados artefatos arqueológicos; portanto, esses elementos podem ratificar o contato entre índios e jesuítas.



Possíveis incursões realizadas por Ximenes pelos Rios Mbocarirói (Guaporé) e Tebiquari (Taquari), visitando aldeias localizadas às margens destes rios.

Fonte: Kreutz (2015).

Os jesuítas mantiveram contato com os indígenas Guarani e, segundo Ximenes, parte dos índios teria solicitado ao padre que fosse fundada uma redução. Porém, o padre teria dito que não havia possibilidade e pediu aos indígenas que migrassem para alguma redução já construída. É importante perceber que nem todos os indígenas estavam dispostos a se converterem ao cristianismo ou a fazerem parte de uma redução, ou seja, havia muitos contrários à civilização europeia.

Além da atuação dos jesuítas, outro fator que viria a impactar as aldeias indígenas do Vale do Taquari, era ação predatória dos bandeirantes paulistas.

CARTAS ÂNUAS

Todas as atividades dos jesuítas espanhóis na América foram registrados em documentos chamadas Cartas Ânuaas. As Cartas Ânuaas eram informes periódicos, ou relatórios, que os missionários da Companhia de Jesus enviavam aos seus superiores em Roma, referentes às atividades que desenvolviam na América. As cartas faziam referência sobre as casas, obras e atividades realizadas, as dificuldades que os padres enfrentavam, dados relativos a demografia e as epidemias. Faziam relatos das expedições e visitas realizadas em aldeias indígenas, descreviam as adversidades climáticas enfrentadas, as condições do relevo e vegetação, as grandes distâncias percorridas, bem como, as atrocidades e destruição causadas pelos bandeirantes paulistas.

Os bandeirantes paulistas no Vale do Taquari

No século XVI, o Brasil Colônia estava dividido em Capitánias Hereditárias. As que estavam situadas no Nordeste do Brasil eram produtoras de açúcar e utilizavam a mão de obra do escravizado africano. Já a Capitania de São Vicente (São Paulo) não produzia açúcar, pois o litoral não era propício ao plantio. Assim, os colonos subiram a serra, fundaram a Vila de São Paulo e iniciam a produção de outras culturas.

Para tanto, necessitavam de mão de obra para o trabalho. Como esses colonos não dispunham de dinheiro para comprar escravizados africanos, optaram pelo indígena para as tarefas. Dessa maneira, seria necessário um número elevado de indígenas para trabalhar nas fazendas da Capitania.

Para solucionar o problema, foram criadas as bandeiras, que eram expedições organizadas para escravizar indígenas. Além do aprisionamento de indígenas, os bandeirantes dedicavam-se, também, à procura de ouro e prata.

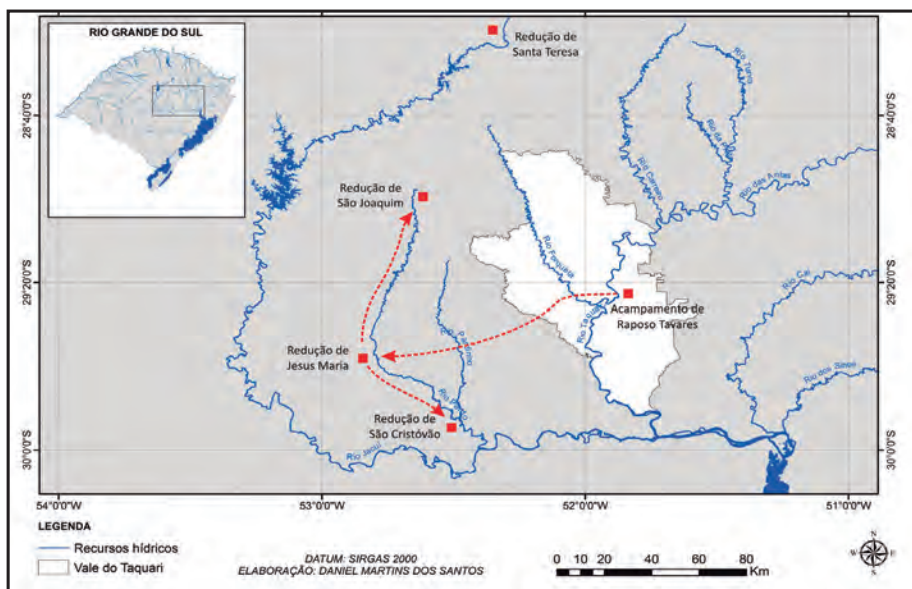
Os bandeirantes partiam da Vila de São Paulo, rumo ao interior do Brasil. Preferiam atacar as reduções, pois era mais fácil capturar indígenas aldeados. Ata-

caram as reduções do Guairá (hoje estado do Paraná) e depois vieram em direção ao Rio Grande do Sul. Várias expedições predadoras de índios adentraram o território do Rio Grande do Sul. As bandeiras de maior expressão, vindas na década de 1630, são as de Antônio Raposo Tavares, Fernão Camargo, Francisco Bueno, André Fernandes e Fernão Dias Pais.

Entre as bandeiras com passagem pelo Vale do Taquari, são citadas as de Antônio Raposo Tavares, em 1636, e de André Fernandes, em 1637.

Pela descrição de documentos das antigas bandeiras, é possível que Raposo Tavares tenha erguido um acampamento (paliçada) às margens do Rio Taquari. Nesse acampamento, mantinha indígenas cativos para depois conduzi-los até a Vila de São Paulo. Não se sabe o local certo desse acampamento. Alguns historiadores indicam a antiga localidade de Corvo, atual Colinas. Partindo do acampamento, Raposo Tavares, em finais de 1636, atacou e destruiu as reduções de Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim, aprisionando um número elevado de indígenas.

Em maio de 1637, a bandeira já estava sediada às margens do Rio Taquari, provavelmente, no mesmo local onde Raposo Tavares ergueu seu acampamento. Deste local, teria se dirigido às reduções localizadas no oeste do Estado, com o mesmo propósito: atacar os aldeamentos e capturar o máximo de indígenas.



Localização do acampamento de Raposo Tavares às margens do Rio Taquari e as reduções que foram atacadas pelo sertanista em 1636.

Fonte: Kreutz (2015).



Mais tarde, novas expedições chegaram, entre elas a dos sertanistas Francisco Bueno e André Fernandes. A bandeira saiu de São Paulo sob o comando de Francisco Bueno. Entretanto, esse bandeirante morreu ou foi morto durante a expedição, que passou a ser chefiada por André Fernandes.

Após a destruição das reduções e aprisionar milhares de indígenas, a partir de 1640, os bandeirantes tomam outro rumo; deixam o Rio Grande do Sul e migram para a região central do Brasil.

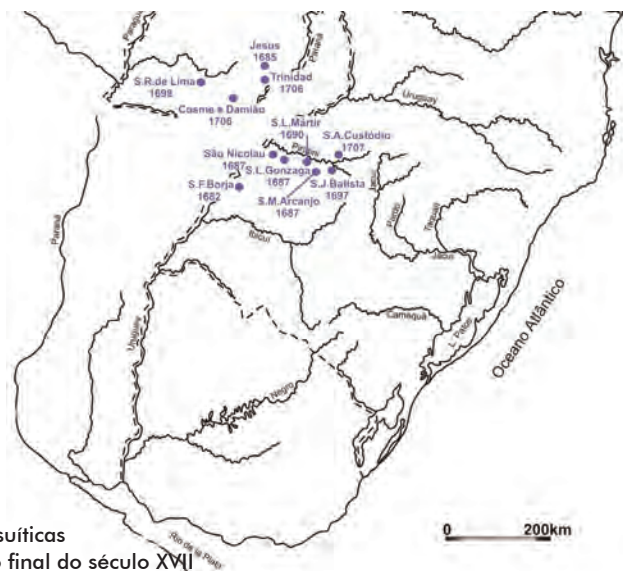
As novas reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul

Depois de constantes ataques dos bandeirantes paulistas, bem como, de indígenas não-convertidos, as missões no Rio Grande do Sul, entre 1626 e finais da década de 1630 são destruídas ou abandonadas. Os jesuítas passaram para a margem direita do Rio Uruguai (atual território da Argentina), encerrando o primeiro ciclo de ocupação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul. A partir da década de 1680, são fundadas novas missões.

Com o objetivo de resguardar as fronteiras espanholas, em função do aumento dos conflitos na área meridional sul-americana no período compreendido entre 1680 e 1750, os jesuítas foram acionados para defender a região frente ao avanço luso. Dessa forma, foram fundadas, a oeste do Rio Grande do Sul, as reduções co-

nhecidas como Sete Povos das Missões: São Borja (1682); São Nicolau, São Luís, São Miguel (1687); São Lourenço (1690 ou 1691); São João Batista (1697); Santo Ângelo (1706 ou 1707).

Com a assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, novamente essas povoações passaram por profundas modificações. O acordo estabelecia que a região onde estavam fixadas as reduções seria território português. Dessa forma, os indígenas foram forçados a abandonar suas terras e deslocados para a margem direita do Rio Uruguai.



Reduções jesuíticas fundadas no final do século XVII
Fonte: Schmitz e Rogge (2010).

Obras consultadas para elaboração do texto:

BECKER, Ítala I. B. Lideranças indígenas: no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguai. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia, n. 47, 1992.

KREUTZ, Marcos R. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII** – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. 2016. Tese, 330 f. (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

MURADAS, Jones. **A geopolítica e a formação territorial do Sul do Brasil**. 2008. Tese, 339f. (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli T. G.; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado: Editora Univates, 2008.

SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H. O território das missões Jesuítico-Guaranis. Revista Eletrônica. XII Simpósio Internacional IHU. São Leopoldo, Unisinos, 2010.

VII — CARTA DO PADRE FRANCISCO XIMENES PARA
UM SUPERIOR, DANDO-LHE CONTA DE UMA
ENTRADA AO RIO TEBICUARI

Santa Teresa, 4-II-1-635.

1-29-1-47

Pax Xpti. etc.

Todos los Villetes que V. P.^o me a escrito despues que partió de S.^{ta} Ana con el P.^o Prov.^o los recevi ahora juntos quando bolvi desta mi Mission y assi no se espante V. R.^a que ni aya respondido ni executado lo que en ellos me manda; y de lo q por aca passó antes de partirme di aviso a V. R.^a en dos o tres q despache por S. Carlos. en una cosa me descuide (que V. R.^a me manda casi en todos estos villetes) en despachar el anua, de lo qual estoi tan corrido de aver caido en falta con V. R.^a que esso mismo me a de servir de memoria para q otra vez la despache adelantada.

Parti a 3 de Enero deste año en prosecucion de lo q el P.^o Prov.^o me dexó ordenado, a hazer una entrada a esta infidelidad para proponerles la palabra del S.^o y procurar se reduxessen, y gaste en ella 24 dias, entre por el Capii, 5 dias de camino de aqui, donde me embarq y en medio dia sali al Mbocariroi por el qual en dos dias sali al Tebiquari, por el qual navegue 3 dias, y sali al Mboapari donde dexé las canoas (por estar mui baxo) y en cinco dias bolvi a esta rred.^{on}. Los demas dias gaste en varias salidas que hize a los montes, desde el rrio donde la gente se juntaba a oir mi embajada.

Parezeme que toda la gente que por aqui ai por reduzir seran como dos mill indios, y si sus tierras fueran a proposito desta vez me pareze los dexara reducidos en 3 puestos. Capyi, Yuyisti (montes q estan sobre el Tebiquari) y en la boca del Mboapari porq en estos tres puestos en particular halle gran numero de gente junta, y con increíble desseo de que les levantasse Cruz. pero no nos esta a cuento porq la tierra es fragossissima, sus caminos infernales, no ai campo donde tener 4 bacas, y sobre todo es el cutidero de los Tupis, como despues dire. Universal.^{te} la gente me recibió bien,

7 Povos do além-mar no Vale do Taquari

Desde o fim das bandeiras e das missões ou incursões jesuíticas no Vale do Taquari, por volta de 1640, a história da região apresenta grandes lacunas ao pesquisador. Os anos passaram; os bandeirantes são derrotados e tomam outro rumo; os jesuítas seguem para a margem direita do Rio Uruguai. Assim, o “relógio histórico” se arrastou sem que haja informações a respeito de eventos e processos que aconteceram no Vale até a segunda metade do século XVIII.

Imigrantes açorianos

A chegada dos açorianos ao Rio Grande do Sul está atrelada à assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, que delimitou as terras que seriam ocupadas por Portugal e pela Espanha no continente. Este Tratado determinou que Portugal deveria entregar a Colônia do Sacramento à Espanha e, em troca, receberia os Sete Povos das Missões. Surge, porém, um impasse: os Guarani que viviam nas Missões se recusaram a deixar o local. Dispostos a fazer com que o Tratado fosse respeitado, espanhóis e portugueses atacaram as reduções, dando início à Guerra Guaranítica.

Para que a província de São Pedro (atual Rio Grande do Sul) fosse de fato de Portugal, o território deveria ser ocupado e defendido dos invasores. Uma das estratégias de ocupação do território utilizada pela Coroa portuguesa foi a vinda de imigrantes açorianos. O arquipélago dos Açores (território pertencente a Portugal) estava passando por intensas dificuldades neste período, como a superpopulação e a má distribuição de terras o que causava muita miséria. Assim, no ano de 1747, os açorianos iniciam o processo de migração para o Brasil.

Os primeiros casais desembarcaram em Santa Catarina, em 1748, e de lá partiram em embarcações menores para o Rio Grande do Sul. A princípio, deveriam ter se instalado na região das Missões, mas a Guerra Guaranítica tornou o plano inviável.

Impedidos de tomar posse nas terras que haviam sido prometidas, os casais foram se assentando em lugares considerados vazios, pois a Coroa portuguesa afirmava que não havia moradores nessas terras. Contudo, nesses locais havia populações estabelecidas, no caso, indígenas, pequenos lavradores, tropeiros paulistas, entre outros. Assim, os açorianos foram assentados em diversos lugares como Taquari, Santo Amaro, Porto Alegre, Rio Pardo, Gravataí, Osório, Mostardas e Estreito. Uma vez instalados nesses locais, não receberam a ajuda e os subsídios que lhes haviam sido prometidos.

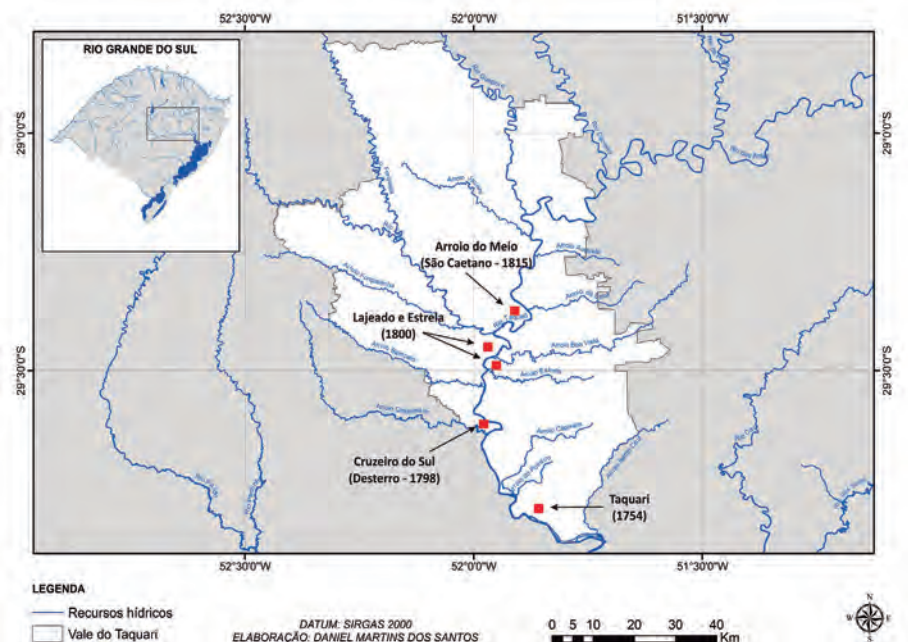
A região que hoje é conhecida como Vale do Taquari fazia parte do projeto de ocupação territorial comandada pelo governador da Capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade. A partir de 1750, as primeiras sesmarias foram concedidas a Francisco Xavier de Azambuja, a Pedro Lopes Soares e a Antônio Brito Leme, em Taquari. Em 1754, o governo também enviou para a região, 14 casais açorianos para intensificar a ocupação devido a disputas acirradas com os espanhóis. Sete casais permaneceram e se fixaram em Taquari, que, na época, era conhecido como o povoado de São José do Taquary, Os demais casais se estabeleceram em Santo Amaro, à margem esquerda do rio Jacuí. Na década de 1770, já haviam se estabelecido mais de 60 açorianos

na região.

Com o passar dos anos, outras sesmarias foram sendo doadas. Em 1798, José da Silva Lima recebeu a sesmaria do Desterro (Cruzeiro do Sul). Em 1800, os irmãos João Ignácio e José Ignácio Teixeira receberam as fazendas denominadas Lajeado e Estrela. Mais tarde, em 1815, Ricardo José Villanova recebeu a Fazenda São Caetano (Arroio do Meio).

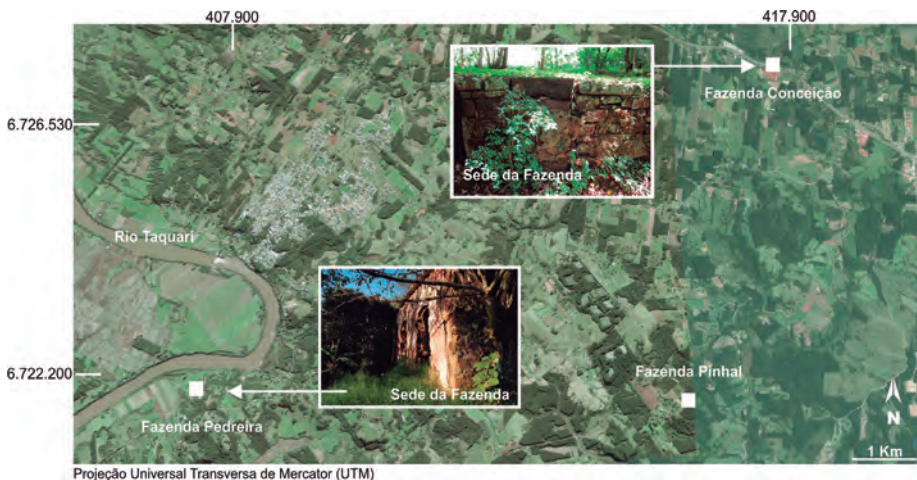
Assim, a economia regional começa a tomar forma. Entre os destaques da produção, pode-se citar a de tábuas, pois a madeira era abundante em Taquari. As tábuas eram vendidas e levadas a Porto Alegre pelo rio. Outras atividades econômicas importantes eram a extração de erva-mate e a retirada de pedras, provenientes de pedreiras próximas a São José de Taquary. Na agricultura, se destacou a produção de trigo, milho, feijão e mandioca.

Nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes açorianos (portugueses) ou descendentes lusos colonizaram e/ou apenas tinham a posse de terras de grande parte do território do Vale do Taquari. Entretanto, a partir da chegada de outras etnias, na maioria alemães e italianos, os açorianos e seus descendentes colonizaram mais o sul do Vale, que corresponde aos atuais municípios de Taquari, Tabaí, Fazenda Vilanova e Bom Retiro do Sul.



Algumas sesmarias doadas a partir de 1750 no Vale do Taquari

Em alguns municípios ainda pode ser vista a marca dessa colonização nas estruturas dos antigos casarões. As fazendas da Pedreira (localizada no atual município de Bom Retiro do Sul) e da Conceição (localizada no atual município de Fazenda Vila Nova), cujo proprietário era Manoel Alves dos Reis Louzada, o Barão de Guaíba, ainda apresentam as estruturas das sedes das fazendas.



De acordo com pesquisas realizadas pelo Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates, até dezembro de 2016, ainda não se tinha a localização precisa da sede da Fazenda Pinhal. Fonte: Pires (2016).



Ruínas da sede da Fazenda Pedreira, Bom Retiro do Sul
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.



Ruínas da sede da Fazenda Espanhola, Bom Retiro do Sul

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

A história da colonização açoriana em Taquari se desenvolveu em consonância com a trajetória da Igreja, pois os primeiros habitantes tinham acentuada preocupação com a espiritualidade. Assim, os imigrantes açorianos logo pensaram na construção de igrejas. Em Santo Amaro e em Taquari, localizam-se igrejas muito antigas, construídas no final do século XVIII.



Igreja Matriz de Santo Amaro do Sul, construída em 1787.

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.



Em 10 de janeiro de 1768, iniciaram as obras da atual Igreja Matriz de Taquari

Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

Um importante fator de crescimento da economia de Taquari e região foi o desenvolvimento do transporte fluvial. O Rio Taquari propiciava a integração comercial com a capital, abrindo perspectivas para o surgimento de novas companhias de navegação. Por volta de 1840, Manoel Alves dos Reis Louzada possuía uma frota de botes, lanchões e canoas, movidos a remo e a vela, com os quais se comunicava com o comércio de Porto Alegre, onde vendia a produção das fazendas. Em 15 de março de 1887, fixa-se em Bom Retiro, (que, na época, pertencia a Taquari) Jacob Arnt, que adquirira uma colônia. Dois anos mais tarde, Arnt estabeleceu a Companhia de Navegação Arnt, que chegou a ter 51 embarcações.

No Vale do Taquari, muitas pessoas estavam envolvidas no trabalho do campo. No entanto, um elemento em especial teve relevância ímpar para o crescimento da região, o escravizado. A chegada destas sociedades ao Vale do Taquari tem ligação direta com as plantações de trigo iniciadas pelos açorianos, ainda no século XVIII.



Ao longo do Rio Taquari, entre os séculos XIX e XX, havia inúmeros portos que faziam o transporte de passageiros e de produtos até Porto Alegre e vice-versa.

Fonte: Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico de Lajeado.

Obras consultadas para elaboração do texto:

CHRISTILLINO, Cristiano L. **Estranhos em seu próprio chão**: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. (O vale do Taquari no período de 1840 – 1889). 2004. Dissertação, 374f. (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

MARQUES, Teresinha M. F. A companhia de navegação fluvial de Jacob Arnt no Vale do Taquari – RS. **Navigator**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2006.

MOREIRA, Paulo R. S.; CARDOSO, Raul R. S. C. O cotidiano insubmisso: insurreição escrava, políticas senhoriais e comunidades negras em cativo (Taquari – RS- Século XIX). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 6, 2012. Teresina. **Anais...** Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2012.

PIRES, Karen D. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS** – final do século XIX. 2016. Dissertação, 182f. (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli T.G.; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado, Editora da UNIVATES, 2008.

SANTOS, Nilda R. A. dos. Taquari: primeira cidade açoriana. In: ROCHA, Santa I. D. da (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul** – Brasil II. Porto Alegre: Caravela, 2007.

8 O trabalho escravizado no Vale do Taquari

No início do Brasil Colônia, no século XVI, o indígena foi utilizado como mão de obra para trabalhar nos variados segmentos econômicos, especialmente, na agricultura. Porém, os resultados obtidos não foram os esperados pelos portugueses. Foi necessária a importação de escravizados, vindos da África. Assim, o uso da mão de obra de escravizados africanos começa ainda no século XVI.

A escravidão no Vale do Taquari

Até há poucos anos, havia um mito de que no Rio Grande do Sul não havia sido utilizada a mão de obra escrava. Porém, nos últimos anos, diversos pesquisadores se empenharam em rever esses conceitos, e, ao acessar diversos documentos, apareceram novos ensejos de pesquisa. Ao contrário do que se pensava e se pregava, o Rio Grande recebeu muitas levas de escravos e fez amplo uso dessa prática em sua economia.

O tráfico de escravos já vinha sendo feito por Portugal desde o século XV. No século XVI, já era um negócio montado que resultava em bons lucros. Os colonizadores sabiam da importância e da força do trabalho do africano, que já era usado nas plantações de cana nas ilhas do Atlântico.

Não há um número exato de quantos escravos tenham sido transportados da África para a América. Estima-se que, entre 1502 e 1860, mais de nove milhões e meio de africanos foram enviados para o continente americano. O Brasil destaca-se como o maior importador de homens pretos.



O trabalho escravo no Brasil foi utilizado nos engenhos de açúcar, na extração de metais preciosos (minas), nas plantações de café, na pecuária, em trabalhos domésticos, entre outros.

Na Província do Rio Grande de São Pedro, o escravizado africano atuava nas fazendas, nas charqueadas, no corte e no beneficiamento da madeira, na extração de erva-mate, em ofícios nas áreas urbanas e em outras atividades. Com o advento das charqueadas entre os séculos XVIII e XIX, a força do trabalho escravizado tornou-se indispensável para a Província.

Além do trabalho, o cativo desempenhou importante papel como combatente, ou seja, era soldado em guerras e lutas, especialmente, na Revolução Farroupilha e na Guerra do Paraguai. Cabe explicar que lhes era prometida a liberdade, mas, em muitos casos, a promessa não se concretizou, pois morriam em combate, entre outras situações.

Na região do Vale do Taquari não foi diferente. Com a demanda crescente de produtos para abastecer o mercado interno, os colonos açorianos sozinhos não davam conta de todas as atividades. Assim, os escravizados foram muito importantes para o desenvolvimento da região. No início do século XIX, como Taquari produzia muito trigo, necessitava de mão de obra escrava. Para ter uma ideia, em 1814, de toda a população de escravizados africanos, 7% estava concentrada em Taquari.

Loca/Ano	1780	1814	1859	1884	1885	1887
Santo Amaro	208	773	-	-	282	169
Taquari	109	433	2.701	1.654	346	216
Total no Vale do Taquari	317	1.206	2.701	1.654	628	385
Total no RS	4.238	17.065	70.697	62.231	22.042	7.901
% dos escravos da Província no Vale do Taquari	7,5%	7,07%	3,82%	2,66%	2,84%	4,87%

População escrava oficial no Rio Grande do Sul com destaque para Taquari e Santo Amaro
Fonte: Christillino (2004).

A partir da metade do século XIX, o número de escravos começou a diminuir no Vale do Taquari. A maioria dos donos de fazenda ou de algum outro tipo de negócio não tinha mais do que cinco escravos, naquele período. Poucos ainda tinham um número elevado de cativos.

Entre os fazendeiros que tinham um número elevado de escravizados era Manoel Alves dos Reis Louzada, o Barão de Guaíba. Como o Barão de Guaíba não tinha filhos, deixou sua fortuna para Antônio José de Moraes. Entre a década de 1850 até a abolição em 1888, havia mais de cem escravizados trabalhando em suas propriedades.

Em função das péssimas condições de vida, as fugas de escravos eram normais. Aproveitavam as facilidades do descuido do capataz, ou a liberdade de movimentos de determinadas tarefas ou de profissão para fugir. Também fugiam quando o mundo dos senhores se desorganizava com uma guerra, uma revolução ou quando o senhor fechava os olhos. Na verdade, o escravo não perdia tempo; fugia sem olhar para trás, muitas vezes, sem saber para onde ir.

Para melhorar a condição dos escravos e proporcionar algumas mudanças no cenário da servidão negra, leis foram criadas, especialmente, entre 1870 a 1888. Entre elas, a Lei do Ventre Livre, assinada em 1871, e a Lei dos Sexagenários, em 1885.

Finalmente, a liberdade dos cativos ocorreu em 13 de maio de 1888, quando foi assinada e sancionada, pela Princesa Isabel, a lei que extinguiu o trabalho escravo no Brasil: a Lei Áurea.

Uma vez libertos, os ex-escravos tinham poucas condições, uma vez que não tinham dinheiro, estudo, documentos, um lugar para morar e nenhuma outra espécie de assistência social proporcionada pelo Estado. Depois de libertos, muitos escravos não tinham para onde ir. Assim, permaneciam trabalhando nas propriedades rurais dos seus antigos senhores. Alguns ex-escravos dedicaram-se a pequenas roças de subsistência. Outros, que não quiseram permanecer na atividade agrícola, migraram do campo para a cidade à procura de emprego; porém, os trabalhos disponíveis eram precários, inaugurando, dessa forma, a mão de obra marginalizada.



Remanescente das Comunidades dos Quilombos: Comunidade São Roque de Arroio do Meio

Durante o período colonial, os quilombos representaram uma das maiores lutas organizadas contra a escravidão. Em diferentes momentos, escravizados africanos travaram uma verdadeira batalha contra o regime imposto. Os quilombos, que se originaram a partir de fugas de escravizados, formavam-se longe dos núcleos urbanos.

Atualmente, no Brasil, a Fundação Cultural Palmares, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, certifica as comunidades quilombolas.

No distrito de Palmas, município de Arroio do Meio, existe uma Comuni-

dade Quilombola reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, desde 2005. Com a denominação de Comunidade São Roque, ela foi criada por um ex-escravizado, Alcides Geraldo da Silva, conhecido como Vovô Theobaldo.

Conforme informações orais obtidas da senhora Araci da Silva, filha de Alcides Geraldo da Silva, o Vovô Theobaldo teria feito parte de um quilombo chamado Moçambique. Após deixar este quilombo, teria se fixado por um período em Estrela, e depois teria partido para a localidade de São Roque, zona rural de Arroio do Meio, onde permaneceu até a sua morte, aos 112 anos.

A escravidão e a abolição em documentos e jornais no Vale do Taquari

Contratos de compra e de venda de escravos, cartas de liberdade, inventários e processos-crime possibilitaram o conhecimento de uma série de dados sobre a presença do escravizado no Vale do Taquari, especialmente, no século XIX. Além dessa documentação, é possível pesquisar em jornais como O Taquaryense, de Taquari, em cujas páginas há notícias referentes a alforrias concedidas aos escravizados, a fugas, à extinção da escravidão, entre outras.

O Taquaryense, o segundo jornal mais antigo ainda em atividade no Rio Grande do Sul, foi fundado em julho de 1887. Assim, este jornal acompanhou o final do período da escravidão legal no Brasil.

Quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, o jornal O Taquaryense publicou a notícia em 15 de maio de 1888, na terceira página, sob o título, “Regosijos Populares”.

Na edição de número 60, de 30 de maio de 1888, o jornal O Taquaryense publicou na primeira página, a lei que determinava a extinção da escravidão no Brasil.

Trecho da notícia publicada no jornal O Taquaryense em 15 de maio de 1888

REGOSIJOS POPULARES

Já estava prompta a primeira página de nossa folha, quando o digno presidente da camara municipal, sr. José Porfirio da Costa, obsequiou-nos com o seguinte telegramna, que acabava de receber: Votada, publicada e sancionada a lei que extingue a escravidão no Brazil. Princeza Imperial victoriada pelo senado. Viva a pátria livre! O regosijo que essa notícia produziu, é indiscriptível, e vimos unicamente esboça-lo com as pálidas cores que a nossa penna permite [...].

O TAQUARYENSE

ANALISTAS

PERIODICO IMPARCIAL - COLLAB. DIVERSAS

ANALISTAS

DIRECCAO DE ALBERTINO SARAIVA

(Fira do municipio)

Anno 18900 | Semestre 18900
FACILMENTE ABASTADA

PROPRIEDADE DE TRISTÃO DE AZEVEDO VIANNA

Anno 18900 | Semestre 74000
FACILMENTE ABASTADO

ANNO II

QUARTA-FEIRA -- DO DE MAIO DE 1888

N. 60

A MISSA DEUS!

Interessa municipal, e de
habeat veritas et a. M. C.
de p. de p. de p. de p. de p.

Lei n. 1888 de 13 de Maio de
1888

DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO
BRASIL.

A primeira imperial repetiu em nome de s. m. o imperador sr. D. Pedro II faz saber a todos os súbditos do imperio que a assembléa geral decretou e ella sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º - É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2.º - Revogam-se as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e fagam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O secretario de Estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas e interno dos negocios estrangeiros theobald Rodrigo Augusto da Silva, do conselho de s. m. o imperador, a faga imprimir, publicar e correr.

Dado no palacio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67.ª da independencia e do imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE,
Rodrigo Augusto da Silva.

Carta do rei pela qual sua alteza imperial manda executar o decreto da assembléa geral que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brasil, etc. e nella se declara.

Chancelleria-mór do imperio.
Antonio Ferreira Vianna.

Translitt em 13 de maio de 1888. -- José Estêvão de Albuquerque.

(Jornal de Rioquaryense)

30 - 1853. Fallece em Paris Agostinho o marechal do exercito João Manuel Ribeiro.

31 - 1780. Tinha posse do governo da capitania o commandante do regimento de Bragança brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral e Camará.

Junho

1 - 1882. Lei provincial autorizando a camara municipal de Santo Antonio da Palmeira a despezar até 60.000.000 com um assylo agricola.

2 - 1882. Lei provincial mandando mudar para o lugar denominado Harmonia a freguezia de N. Salvador no municipio do Cabu.

3 - 1860. Fallece no Rio de Janeiro o deputado João Jacintino de Mendonça, sendo substituido na camara pelo dr. José Manoel Simões Lopes.

4 - 1883. Acto do vice-presidente dr. Menandro' adindo a assembléa provincial para 15 de Maio não comparecia numero sufficiente para deliberar.

A. A. P. C.

O TAQUARYENSE

Taquary, 20 de Maio de 1888.

ASSOCIAÇÕES

II

C. L. - José BOSTRACO

Talvez que no correr destes artigos eu tivesse a occasião de fazer alguma coisa para fazer a conspícuo de alguns de nossos concidadãos, o que não seria justificação.

As com o fim de evitar que não fossem enviados com a responsabilidade de serem os nossos concidadãos pessoais.

Entendemos que quanto de in-

teresses gerais de nós ser francos, para que seja desperçada a luz da razão de um partido, solidão e pitance e do progresso local, cujo divisa de seus membros deve ser: um por todos e todos por um.

A 20 de Abril de 1886, por iniciativa do illustrado sr. dr. Netto de Mendonça, reuniram-se alguns dos saldos da camara municipal os ses. dr. Henriques, dr. Netto, tenente-coronel José Villa Nova, tenente-coronel Leandro Ribeiro, major Vianna, tenente-coronel Antonio Villa Nova, capitão Leuzet de S. Congo Tudes, João Pedro, Franklin Prata, dr. Toes, João Alvim, Velloso, Antonio Porteiro, Valeriano de Souza, Rodrigues Viana, Siqueira Junior, José Antero, Orelindo, Salvador Albuquerque, Israel Bizarro, dr. Pedreira, capitão Tristão Vianna, Aprijo Baptista e Porteiro Bilescourt.

Depois de serem acclamados, presidente, o dr. Henriques e secretario o dr. Netto, foi por este exposto o fim da reunião, o qual era a criação de uma associação litteraria que pugnasse, assim quanto pudesse, pelo desenvolvimento intellectual do municipio. Acolta com enthusiasmo a idea, foi eleita a primeira directoria, que ficou assim composta:

Presidente, dr. Henriques;
Vice-presidente, major Vianna;
1.º secretario, dr. Netto;
2.º idio, Aprijo Baptista;
Orador, dr. Toes;
Thezoureiro, Franklin Prata.

Uma associação cujo fim era por si um grandioso programma, assegurava um futuro limpo de contrariedades, tanto mais que a novel sociedade procurava afastar de si toda e qualquer cor politica, empregando-se por equilibrar as forças politicas em seu seio.

E entretanto, logo após a sua fundação, a sociedade ficou anotteada.

Foi então que o patriótico esboço do sr. José Porteiro a reconhecer. Essa situação offereceu, grata, a casa em que functionava o club, o que foi muito bem recebido de quem pôz tambem os seus serviços a sua saúde.

Alimentando-se pouco a pouco, com as contribuições que ella, elle foi revivendo, até que hoje, o club está em todo o esplendor.

vimimo que lhe é devido, achou em condições satisfactorias.

A sua manutenção é já uma necessidade, e em 200 rs. calculados como contribuições, a maioria dos socios, devem fustinar para que a mesma seja estirpe.

A sociedade funciona actualmente em uma casa que reúne todas as commodidades para uma associação desta ordem.

Sua bibliotheca compõe-se de mais de 200 volumes, entre os quaes figuram obras de nomeada.

Vamos agora tratar de uma circumstancia que (sendo-m-não) depois certa medida da parte das directorias que tem servido.

Queremos nos referir ao resumido numero de jornadas que o club recebe, de quaes são: *Monseigneur, Padroaria, Jornal do Commercio, Semanário, Konrad Dosterle Zeitung e Hausto*, sendo este ultimo obtido por nós com o nome amigo Augusto Baisoni.

É claro que se a directoria se dirigisse ás redacções de outras jornadas, ellas não deixarão de contribuir com a riqueza das respectivas folhas, porque a imprensa é nobre e jamais negou o seu concurso ás grandes causas.

Vamos terminar fazendo um apello em favor do club litterario José Bostifacio a todos os taquaryenses e a aquellos que nella terra encontram abrigo e a qual devem dedicar-se não só no momento mas parte de seus esforços para que ella possa prosperar material e intellectualmente.

É claro que se a directoria se dirigisse ás redacções de outras jornadas, ellas não deixarão de contribuir com a riqueza das respectivas folhas, porque a imprensa é nobre e jamais negou o seu concurso ás grandes causas.

Protegi-o, para que elle possa satisfazer os elevados fins para que foi creado.

A influencia pessoal de cada um de nós pôde crescer e club a um pé invejavel, porém o esforço unido de todos ergue-o-ha a uma altura onde repense na digna e solida base de seu fim grandioso e da protecção publica.

A todos, pois, fez lançado o apello e estamos na convicção de que elle não será um brado solto no immenso sahuva, porque o povo de Taquary é grande e poderoso e não deixará que elle morra indolente!

A. S.

Anúncios sobre liberdades concedidas veiculadas no Jornal O Taquaryense

Abolicionismo

Em S. Jeronymo o promotor publico trata de promover a libertação de 50 ou 60 escravos, matriculados com filiação desconhecida.

Liberdade plena

O sr. Faustino José de Oliveira concedeu, no dia 30 do passado, liberdade plena à sua escrava Matizia, parda, de 27 annos de idade. Actos destes (liberdade plena, bem entendido) muito depõem em favor de quem os pratica.

A abolição veiculada em outros documentos

Além dos jornais noticiarem a abolição, o fato também foi divulgado pela Igreja Católica, conforme demonstram os relatos assinalados pelo vigário no Livro Tombo da Paróquia Santo Inácio do atual município de Lajeado. No dia 29 de julho de 1888, o padre João Haltmeyer, que na época era o vigário da Paróquia Santo Inácio, redige nota no Livro Tombo da Igreja sobre a lei. No registro, o padre menciona que o fato foi participado e divulgado aos moradores da vila.

Obras consultadas para elaboração do texto:

CARDOSO, Raul R. S. Antônio José de Moraes: notas sobre a trajetória de um cirurgião português no Brasil meridional no século XIX. In: ENCONTRO PESQUISAS HISTÓRICAS – PUCRS, 1, 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

CHRISTILLINO, Cristiano L. **Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. (O vale do Taquari no período de 1840 – 1889).** 2004. Dissertação, 374f. (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

LEI 3.353 de 13 de maio de 1888. **O Taquaryense**, Taquari, p.01, 30 mai. 1888.

LIVRO Tombo da Paróquia Santo Inácio de Lajeado, 1888. Acervo da Paróquia Santo Inácio de Lajeado, Lajeado, RS.

KREUTZ, Marcos R.; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli T. G.; SCHNEIDER, Fernanda. **Arroio do Meio: entre rios e povos.** Lajeado: Editora Univates, 2011.

MOREIRA, Paulo R. S.; CARDOSO, Raul R. O cotidiano insubmisso: insurreição escrava, políticas senhoriais e comunidades negras em cativo (Taquari – RS – Século XIX). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 6, 2012. Teresina. **Anais...** Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.

PIRES, Karen D. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS – final do século XIX.** 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

REGOSIJOS POPULARES. **O Taquaryense**, Taquari, p.03, 15 mai. 1888.

9 Novas levas de imigrantes ao Vale do Taquari: alemães e italianos

Após o final da Revolução Farroupilha, novas levas de imigrantes europeus chegaram ao Vale do Taquari. A partir da década de 1850, imigrantes alemães se instalaram nas recém criadas colônias em municípios como Lajeado, Estrela, Teutônia e outros.

Mais tarde, na década de 1880, foi a vez dos imigrantes italianos chegar ao Vale do Taquari. Eles ocuparam as colônias localizadas nos municípios de Encantado, Muçum, Arvorezinha, entre outros.

Imigrantes alemães

Antes de colonizar o Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães se instalaram em outros estados brasileiros. As primeiras colônias fundadas no Brasil foram: Santo Agostinho, no Espírito Santo (1812); a colônia Leopoldina, na Bahia (1818); a colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro (1819). Essas colônias não tiveram o mesmo sucesso das instaladas no Rio Grande do Sul, porque os imigrantes não tinham familiaridade nem com o clima, nem com o solo, diferentemente das condições encontradas no sul do Brasil.

Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul, em 1824, instalaram-se em São Leopoldo, que, na época, abrangia uma imensa área, até o chamado Campo dos Bugres (região atual da cidade de Caxias do Sul), incluindo, ainda, as regiões de Montenegro e de Taquara.

Com o advento da Revolução Farroupilha, a imigração, no Estado, ficou suspensa por alguns anos. Em 1844, o processo imigratório foi retomado. Nesta segunda leva de imigração, a região do Vale do Taquari passou a interessar ao Governo Imperial.

A vinda de imigrantes alemães se encaixava nos propósitos do governo: povoaria a região meridional do país e, ao mesmo tempo, a produção agrícola advinda das colônias abasteceria o mercado interno; a imigração europeia contribuiria para branquear a população do Brasil.



Imigrantes alemães

Fonte: Acervo Fotográfico de Marcos R. Kreutz

Além do interesse do governo imperial, após a primeira metade do século XIX, a região passou por uma crise econômica que abriria também as portas para a chegada dos imigrantes alemães. Em Taquari (período em que todo território do município correspondia ao Vale do Taquari), a produção de trigo estava em decadência devido à ferrugem. A produção de erva mate estava escassa devido à concorrência com a erva mate paraguaia. Ainda, a produção madeireira havia diminuído drasticamente devido à exploração desenfreada.

A venda de lotes de terra para os imigrantes alemães foi uma das saídas encontradas pelos grandes proprietários de terras para a crise que assolava a região do Vale do Taquari, na metade do século XIX. Com a chegada dos colonos alemães, os proprietários das fazendas repartiram suas terras em lotes destinados à venda para os imigrantes.

A partir de 1853, foi intensa a entrada de imigrantes e de seus descendentes, vindos da Europa, bem como, de São Leopoldo, (que já estava superpovoada, havendo a necessidade de parte da população procurar novas colônias) ao Vale do Taquari. Várias fazendas dos membros da elite local e também das companhias de colonização foram loteadas e comercializadas com os imigrantes. A partir desse período, iniciou-se a colonização das fazendas: Conventos, Estrela, Nova Berlim, São Gabriel, Boa Vista, Mariante, dos Barros, Teutônia, Bom Retiro, São Caetano, Arroio do Meio, Conventos Vermelhos, entre outras. Os relatórios dos presidentes (governadores) do Rio Grande do Sul chamaram atenção do crescimento dessas colônias, especialmente, as de Estrela, Conventos e Teutônia. Os registros de transmissão de tabelionato mostram que, na década de 1860, foi grande o número de compra e venda de lotes de terras pelos imigrantes.

Apesar do interesse demonstrado pelo governo, empresas privadas foram as responsáveis pelo projeto colonizador do Vale. Surgiram várias empresas responsáveis pela compra e pela venda de terras, entre elas, a Baptista, Fialho & Cia, formada pelos sócios Antônio Fialho de Vargas e seus dois irmãos, Joaquim Pereira e Manoel, além de João Batista Soares da Silveira e Souza. Fundada em 1853, a empresa era administrada por Antônio Fialho de Vargas. Entre as fazendas loteadas e vendidas estavam as dos Conventos e Lajeado, as quais se transformaram na Colônia de Conventos. A sociedade se desfez, mas os familiares de Fialho de Vargas continuaram comprando e vendendo terras nos municípios de Estrela, Lajeado, Arroio do Meio, Encantado, Roca Sales, Muçum e Dois Lajeados.

A partir da comercialização das colônias, os imigrantes alemães adquiriram as terras ao longo dos maiores rios e arroios da região, como do Rio Taquari, localizadas no centro e no sul do Vale. Entre os municípios da região

com participação da imigração alemã estão: Lajeado, Arroio do Meio, Forquethina, Marques de Souza, Santa Clara do Sul, Colinas, Estrela e Teutônia.



Localização de colônias no Vale do Taquari no século XIX
Fonte: Rambo (1999).



Os imigrantes alemães e seus descendentes estabeleceram-se nas planícies ao longo do Rio Taquari
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

Quando os primeiros imigrantes alemães chegaram, tiveram que aprender a cultivar e a consumir vegetais que não conheciam na Europa. Aqui plantaram mandioca, milho, batata-doce, abóbora, chuchu, entre outras espécies.

Como o passar do tempo, os imigrantes e seus descendentes foram se adaptando e incorporando os novos alimentos. Assim, a gastronomia típica dos imigrantes alemães, muito conhecida no sul do Brasil, tem diversos empréstimos de ingredientes, de produtos e de técnicas essencialmente brasileiros.

O melado feito de cana-de-açúcar, o pão de milho, o aipim, o feijão, a cuca (uma adaptação da kuchen alemã), entre outros, devem muito às adaptações feitas pelos colonos quando chegaram ao Brasil. Os hábitos do churrasco e do chimarrão, de origem rio-grandense, também foram incorporados aos hábitos alimentares e às festividades.

Imigrantes italianos

Em finais do século XIX, a imigração italiana encontrou um Rio Grande do Sul mais povoado. Os lotes onde os italianos foram alojados, além de serem menores do que os colonizados por imigrantes alemães, localizavam-se em regiões de difícil acesso.

Os italianos viviam em péssimas condições na Itália. Não havia terras suficientes para os agricultores. A Revolução Industrial provocou o surgimento de novas tecnologias, o que diminuiu o uso da mão de obra. A solução era a emigração (sair da Itália) em busca de novas oportunidades.

Os italianos chegaram ao Brasil na década de 1870. Inicialmente, ocuparam dois estados, São Paulo e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, seu papel era suprir a falta de mão de obra nas lavouras de café. Já no Rio Grande do Sul, dedicavam-se à agricultura para abastecer o mercado interno.

Os territórios da Serra Gaúcha foram, inicialmente, ocupados pelos italianos. Em maio de 1870, foram criadas as colônias Conde d'Eu e Dona Isabel. Porém, oficialmente, o povoamento e a colonização iniciaram em 1875, junto com o estabelecimento de outras colônias. Nesse espaço geográfico, nas terras das matas das encostas do Planalto, os imigrantes enfrentaram um ambiente de grandes dificuldades. Os atuais municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, entre outros, originaram-se a partir de colônias de italianos.

O início da colonização era marcado pelo trabalho na lavoura. Derrubavam a floresta, para depois queimá-la, o que era necessário para as primeiras plantações. Construía-se as casas de madeira, que era serrada manualmente. As primeiras casas eram cobertas com capim ou com palmeiras. Mais tarde,

também passaram a usar a madeira como telhado.

Não foi tarefa fácil abandonar o modo de vida na Europa (mesmo com dificuldades) para incorporar novos hábitos e experimentar outras situações. Da mesma forma que os alemães conheceram e adaptaram a culinária, os italianos também passaram pelo mesmo processo. Os primeiros italianos que chegaram ao Vale tiveram que esperar até que as primeiras plantações, depois de algum tempo de semeadura, começassem a produzir. Uma das estratégias utilizadas pelos recém chegados ao Vale do Taquari para sobreviver foi o consumo de carne de caça e de frutas silvestres, como o pinhão, que era abundante e com alto poder nutritivo.

No Vale do Taquari, a região alta oferecia a compra de terras por preços mais baixos. Quanto mais para o interior, mais terra por menos preço. A partir de 1882, eles vinham da Itália, bem como, de outros municípios, principalmente, de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, para colonizar o Vale. Esses imigrantes estabeleceram-se, inicialmente, nos atuais municípios de Encantado, Nova Brésia, Pouso Novo, Coqueiro Baixo, Relvado, Putinga, Anta Gorda e Ilópolis. Na direção oeste, fixaram-se em municípios como Sério, Progresso e Canudos do Vale.



Casa de madeira, típica da imigração italiana

Fonte: Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico de Lajeado.

Os imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos no Vale do Taquari dedicaram-se à agricultura, à pecuária, à extração de erva-mate, bem como, à exploração da madeira. A abundância do pinheiro (*Araucária angus-*

tifolia) permitiu a instalação de serrarias que beneficiavam a madeira.

De colônia em colônia, os imigrantes europeus e seus descendentes e mesmo alguns brasileiros avançaram pelos vales dos rios, chegando à serra, colonizando, aos poucos, os espaços “desabitados” na ótica do governo. Estradas rudimentares iam sendo abertas para atender a necessidade dos colonos.



Os imigrantes italianos e seus descendentes estabeleceram-se em locais de maior altitude
Fonte: Acervo Fotográfico do Laboratório de Arqueologia da Univates.

Além dos alemães e italianos e seus descendentes, no século XIX, o Vale do Taquari recebeu imigrantes de outras nações.

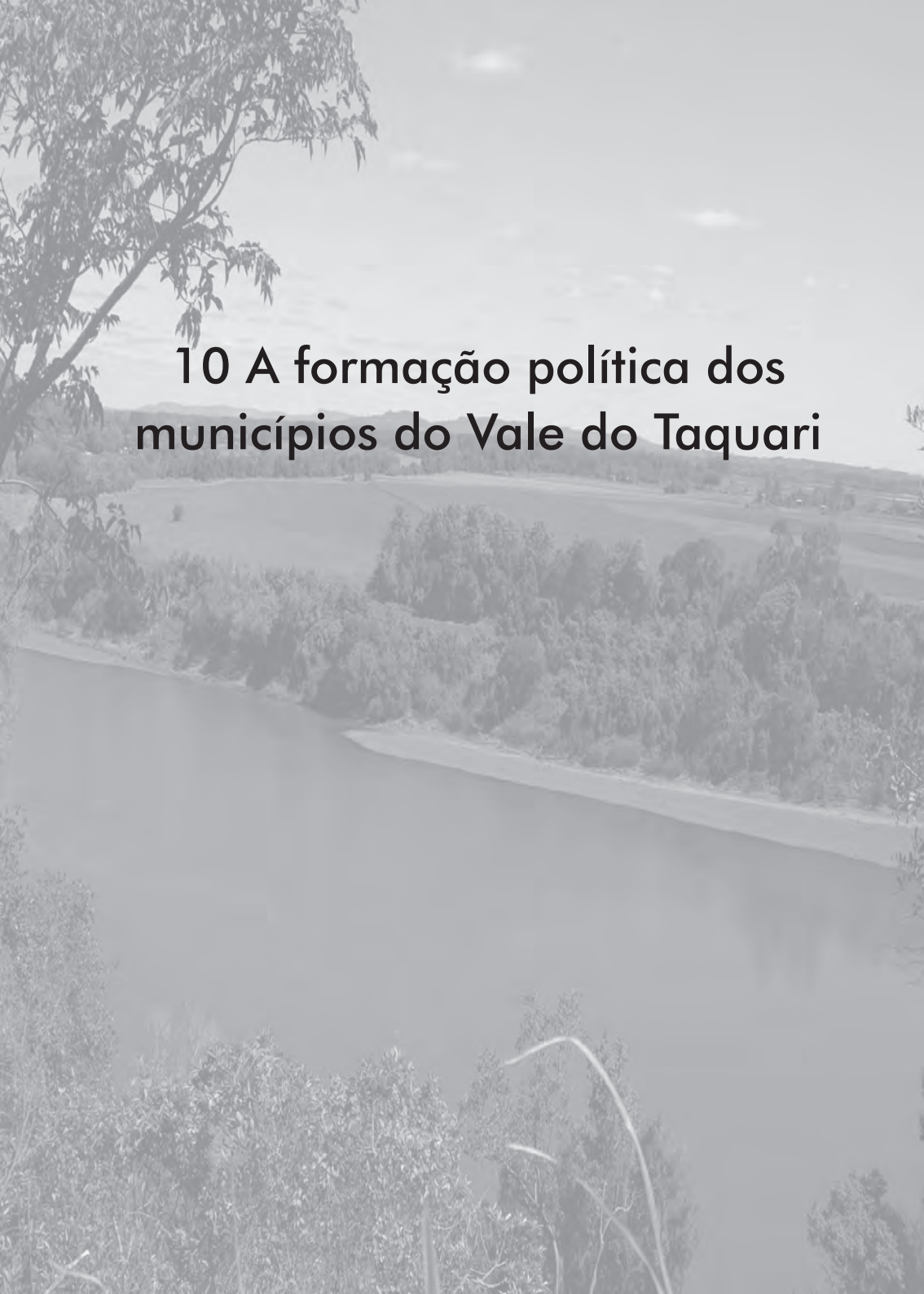
Obras consultadas para elaboração do texto:

CHRISTILLINO, Cristiano L. **Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. (O vale do Taquari no período de 1840 – 1889).** 2004. Dissertação, 374f. (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

FALEIRO, Silvana R. **Lajeado: perfil histórico étnico-social (do período indígena a colonização).** Lajeado, 1996.

GOMES, Vanderlisa F.; LAROQUE, Luis F. da S. **História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do filó em localidades do Vale do Taquari/RS. Destaques Acadêmicos, ano 2, n. 2, 2010.**

RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli T.G.; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas.** Lajeado, Editora da UNIVATES, 2008.



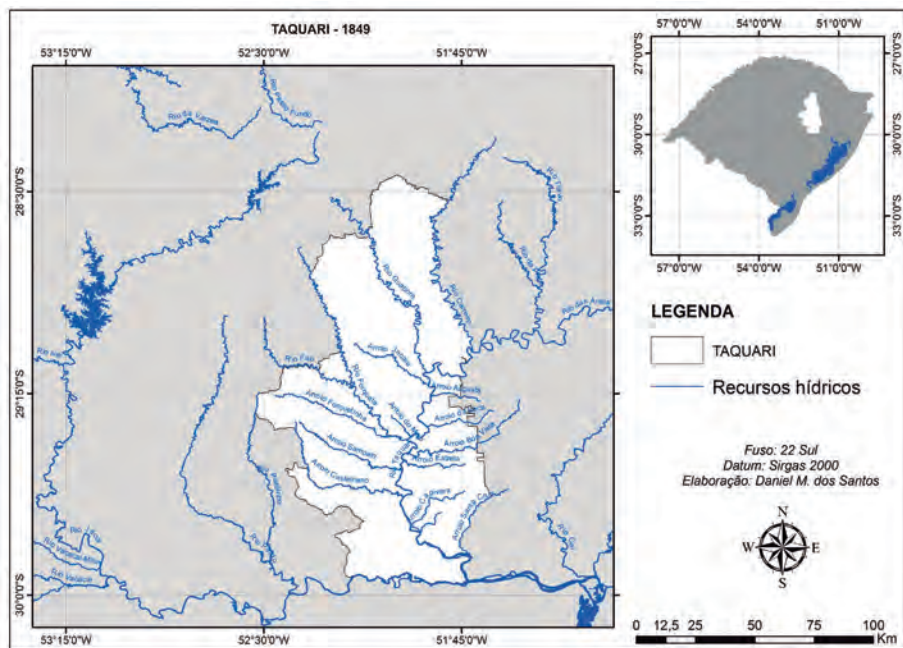
10 A formação política dos municípios do Vale do Taquari

O Vale do Taquari político

O Rio Grande do Sul inaugurou, em 1809, uma nova etapa de sua história. O Estado foi dividido em quatro povoações: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, que foram estabelecidas como vilas da Capitania de São Pedro. Nessa divisão, ficaram para Porto Alegre as freguesias de Viamão, Aldeia dos Anjos, Triunfo, Taquari e Santo Amaro. Santo Antônio da Patrulha ficou com duas: Conceição do Arroio (Osório) e Capela de Nossa Senhora da Oliveira (Vacaria). Rio Grande abrangeu Canguçu, São José do Herval, Cerrito, Estreito e Mostardas. Rio Pardo foi contemplado com Cachoeira, Caçapava, São Gabriel e todas as Missões (Santo Ângelo, São João, São Miguel, São Nicolau, São Luiz, São Lourenço e São Francisco de Borja).

Com o passar dos anos, iniciou-se o processo de emancipação dos municípios. Em 1831, Triunfo desmembrou-se de Porto Alegre. Assim, o que seria mais tarde o território do Vale do Taquari passa a fazer parte de Triunfo.

Em 04 de julho de 1849, Taquari desmembrou-se de Triunfo, tornando-se novo município. Na época, ainda não havia a divisão por regiões, ou seja, não havia a denominação de “Vale do Taquari”. Assim, todo o território do Vale fazia parte do município de Taquari.

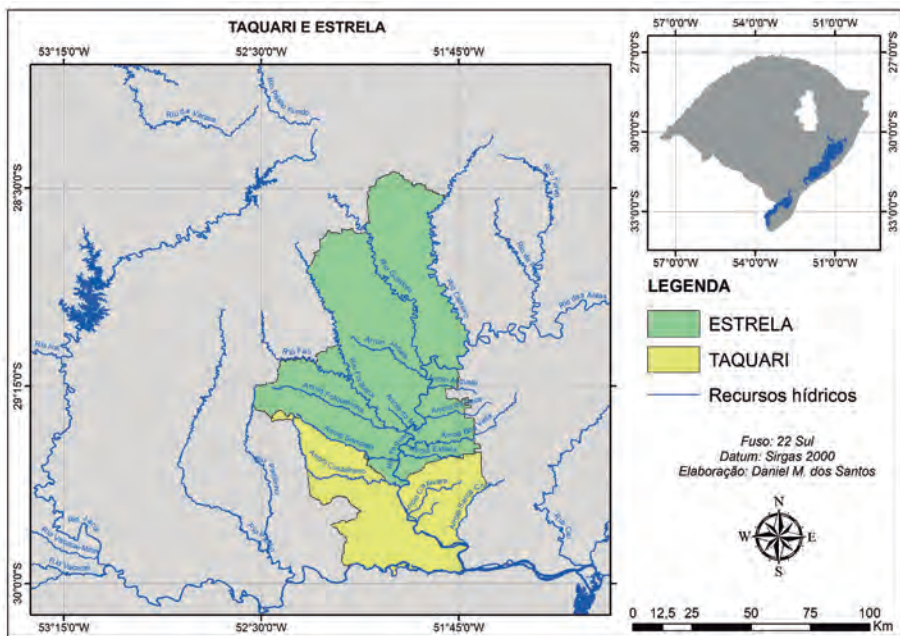


O território de Taquari em 1849

Por ocasião da emancipação de Taquari, quatro municípios, de grande extensão territorial, faziam divisa: Triunfo, Santo Antônio da Patrulha, Cruz Alta e Rio Pardo.

O território de Taquari correspondia a uma grande área, envolvendo os atuais municípios de Lajeado/RS, Venâncio Aires/RS, partes de Guaporé/RS e de Santa Cruz/RS (colônia de Monte Alverne), Estrela/RS e a Vila de Santo Amaro do Sul/RS (atual distrito de General Câmara).

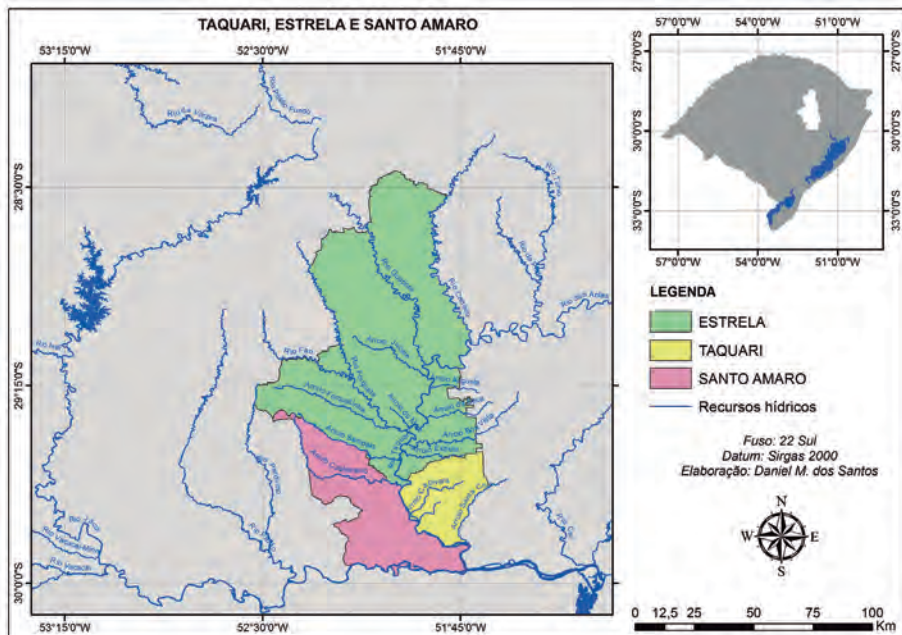
A configuração territorial de Taquari começou a modificar-se no ano de 1866, com a transferência da Colônia Monte Alverne, da Freguesia de Santo Amaro (território que fazia parte de Taquari), para a Freguesia de Santa Cruz, em Rio Pardo/RS.



Território dos municípios de Taquari e Estrela em 1876

Estrela, o primeiro município a desmembrar-se de Taquari, emancipou-se em 20 de maio de 1876, conforme a Lei nº 1044, sancionada pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Assim, o atual território do Vale do Taquari, em 1876, tinha apenas dois municípios, Taquari e Estrela. Na época os municípios do então Estado do Rio Grande do Sul tinham grandes extensões de terra.

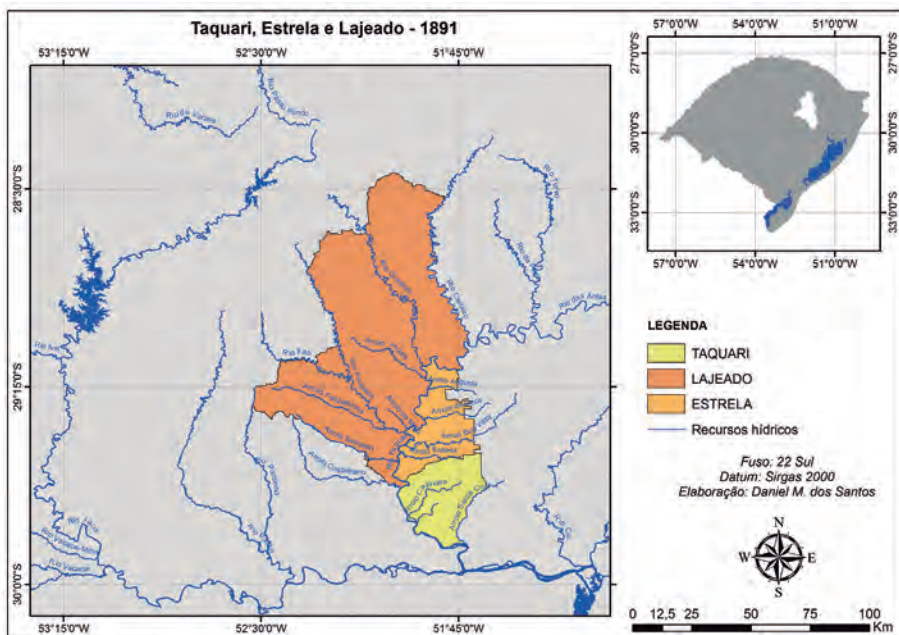


Situação política dos municípios de Taquari, Estrela e Santo Amaro em 1881

Em 1881, Santo Amaro foi elevado à categoria de Vila e emancipou-se de Taquari em 13 de janeiro de 1883. Em 1938, a sede do município foi transferida para a localidade de Margem, situada na margem direita do Rio Taquari, que, em 1939, passa a denominar-se General Câmara. Assim, Santo Amaro do Sul, sua denominação atual, passa a ser distrito de General Câmara.

Ainda, no século XIX, Estrela perdeu parte significativa do seu território com a emancipação política de Lajeado. A emancipação ocorreu em 26 de janeiro de 1891 e sua instalação, em 25 de fevereiro de 1891.

Ao longo do século XX, os municípios de Arroio do Meio, Anta Gorda, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Coqueiro Baixo, Colinas, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabai, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália desmembraram-se de Taquari, Estrela e Lajeado. O município de Poço das Antas, que faz parte do Vale do Taquari, originou-se a partir de Salvador do Sul.



Território dos municípios de Taquari, Estrela e Lajeado em 1891

A região geopolítica Vale do Taquari está localizada no centro leste do Rio Grande do Sul, entre as seguintes Coordenadas UTM: 22J – 350.000 L e 6.695.000 N, 450.000 L e 6.830.000 N, a uma distância média de 150 km da capital do Estado, Porto Alegre. O Vale ocupa uma área de 4.821,4 km². Segundo o Instituto Brasileiro de Economia e Estatística – IBGE, a população, em 2010, era de 327.822 habitantes, representando 3,07% da população do Estado.

Obras consultadas para elaboração do texto:

BDR. **Banco de Dados Regional**. Perfil do Vale do Taquari. 2011. Disponível em: <<http://www.univates.br>>.

ECKHARDT, Rafael R. **Zoneamento ambiental do Vale do Taquari**. 2005. Monografia (Curso de Biologia) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2005.

PIRES, Karen D. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS** – final do século XIX. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

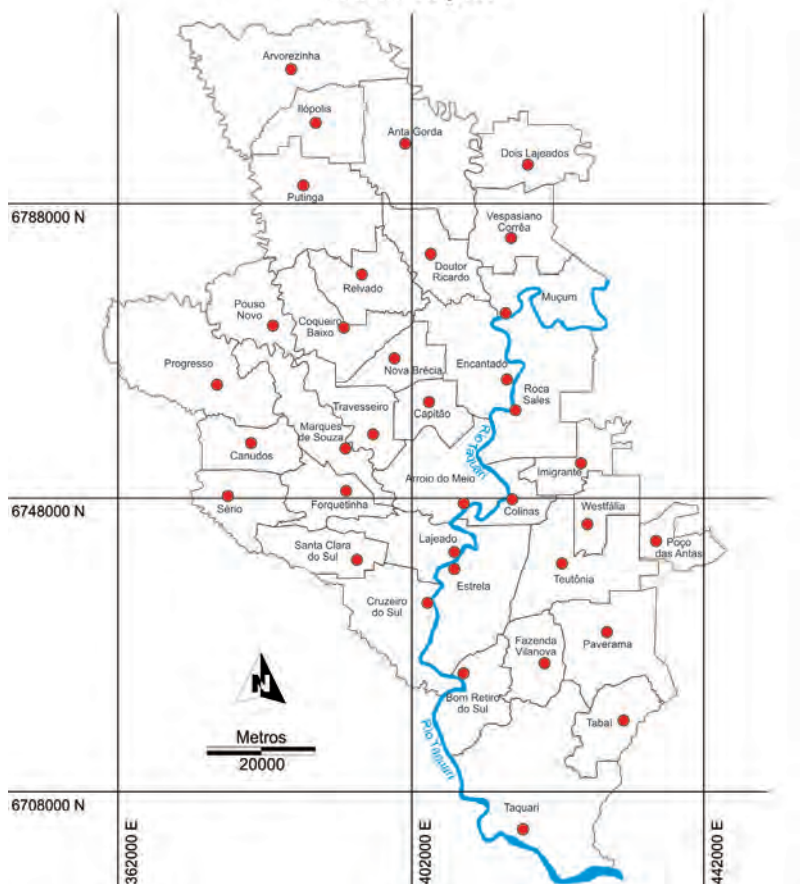
BRASIL



RIO GRANDE DO SUL



Vale do Taquari



Fonte: Mapa adaptado a partir da Eckhardt (2005).

Área dos municípios do Vale do Taquari e data de criação e instalação

Município	Área (Km²)	Data de criação	Data de instalação	Lei de criação	Município(s) de origem
Anta Gorda	243,0	26 dez 1963	07 abr 1964	4.686/63	Encantado
Arroio do Meio	158,0	28 nov 1934	02 jan 1935	5.759/34	Lajeado/Encantado
Arvorezinha	271,6	16 fev 1959	06 jun 1959	3.717/59	Encantado/Soledade
Bom Retiro do Sul	102,3	31 jan 1959	1º jun 1959	3.704/59	Taquari
Canudos do Vale	82,6	16 abr 1996	1º jan 2001	10.755/96	Lajeado/Progresso
Capitão	74,6	20 mar 1992	1º jan 1993	9.561/92	A. do Meio/N. Brésia
Colinas	58,4	20 mar 1992	1º jan 1993	9.562/92	Estrela/Roca Sales
Coqueiro Baixo	112,3	16 abr 1996	1º jan 2001	10.765/96	Nova Brésia/Relvado
Cruzeiro do Sul	155,2	22 nov 1963	07 abr 1964	4.615/63	Lajeado
Dois Lajeados	133,4	08 dez 1987	1º jan 1989	8.435/87	Guaporé
Doutor Ricardo	108,4	28 dez 1995	1º jan 1997	10.639/95	Encantado/Anta Gorda
Encantado	139,2	31 mar 1915	1º mai 1915	2.133/15	Lajeado/Soledade
Estrela	184,2	20 mai 1876	21 fev 1882	1.044/76	Taquari
Fazenda Vila Nova	84,8	28 dez 1995	1º jan 1997	10.642/95	Bom Retiro do Sul
Forquetinha	93,6	16 abr 1996	1º jan 2001	10.756/96	Lajeado
Ilópolis	116,5	26 dez 1963	07 abr 1964	4.687/63	Encantado
Imigrante	73,4	09 mai 1988	1º jan 1989	8.605/88	Estrela/Garibaldi
Lajeado	90,4	26 jan 1891	25 fev 1891	Ato nº 57	Estrela
Marques de Souza	125,2	28 dez 1995	1º jan 1997	10.665/95	Lajeado
Muçum	110,9	18 fev 1959	31 mai 1959	3.729/59	Guaporé
Nova Brésia	102,2	28 dez 1964	11 abr 1965	4.903/64	A. do Meio/Encantado
Paverama	171,6	13 abr 1988	1º jan 1989	8.560/88	Taquari
Poço das Antas	62,1	12 mai 1988	1º jan 1989	8.630/88	Salvador do Sul
Pouso Novo	106,5	29 abr 1988	1º jan 1989	8.581/88	A. do Meio
Progresso	255,1	30 nov 1987	1º jan 1989	8.424/87	Lajeado
Putinga	219,9	26 dez 1963	08 abr 1964	4.689/63	Encantado
Relvado	108,5	09 mai 1988	1º jan 1989	8.604/88	Encantado
Roca Sales	208,5	18 dez 1954	28 fev 1955	2.551/54	Estrela
Santa Clara do Sul	86,6	20 mar 1992	1º jan 1993	9.621/92	Lajeado
Sério	99,7	20 mar 1992	1º jan 1993	9.594/92	Lajeado
Tabaí	94,8	28 dez 1995	1º jan 1997	10.660/95	Taquari
Taquari	350,0	04 jul 1849	03 dez 1849	160/49	Triunfo
Teutônia	179,2	05 out 1981	28 fev 1982	7.542/81	Estrela
Travesseiro	81,1	20 mar 1992	1º jan 1993	9.596/92	A. do Meio/N. Brésia
Vespasiano Correa	113,9	28 dez 1995	1º jan 1997	10.663/95	Muçum
Westfália	63,7	16 abr 1996	1º jan 2001	10.754/96	Teutônia/Imigrante

Fonte: BDR (2011).



ISBN 978-85-8167-199-4



9 788581 671994